

JOSÉ AROLDO PINHEIRO

TELMAR MOTA:

O Homem que mudou a história de Roraima

Monografia apresentada como
pré-requisito para conclusão do
Curso de Comunicação Social
– Jornalismo

Orientador: Prof. José A. Neto

Boa Vista

2009

JOSÉ AROLDO PINHEIRO

TELMAR MOTA: O HOMEM QUE MUDOU A HISTÓRIA DE RORAIMA

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo – da Universidade Federal de Roraima, defendida em 10 de julho de 2009 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Professor José A. Neto

Professor Edileuson Almeida

Professora Sandra Gomes

À minha filha, Mariana, responsável pela minha volta aos estudos.
À minha companheira, Maura, e aos meus filhos, Natália e Daniel,
que entenderam meus objetivos e aceitaram minha ausência.
À minha mãe que sempre sonhou ter os filhos com curso superior.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Zequinha Neto que ajudou na escolha do tema, e, embalado por muitos copos cerveja, orientou-me e me aturou durante todas as etapas deste trabalho.

Ao escritor, historiador e genealogista Tarcízio Dinoá Medeiros, que muito ajudou com dados e informações, e com quem mantive altos papos virtuais durante as pesquisas sobre Telmar e a família Mota.

A imprensa existe para satisfazer
os aflitos e afligir os satisfeitos.
Ricardo Noblat

RESUMO

Telmar Mota de Oliveira, pecuarista, pessoa comum, por suas atitudes, recebeu a fama de homem mau entre os moradores de Boa Vista (RR).

Em outubro de 1987, Telmar participou da trama e do violento atentado que culminou com a morte do prefeito de Boa Vista Sílvio Sebastião de Castro Leite. Preso, guardou para si os nomes de mandantes e cúmplices.

Roraima vivia um dos momentos mais violentos de toda a sua história. A morte do prefeito esfacelou as fracas lideranças políticas do então Território Federal e desencadeou uma série de acontecimentos que modificaram o quadro político local.

Julgado e condenado pela morte de Sílvio Leite, Telmar Mota, sentindo-se acuado e ameaçado de morte, eliminou dentro da Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, o empresário Luis Rodrigues Barros, seu cúmplice e um dos mandantes naquele crime. Este fato provocou novas turbulências no meio político roraimense. Alegando defesa putativa (se não matasse, teria morrido), advogados de defesa conseguiram absolvição para o criminoso.

Anos depois, em liberdade condicional, Telmar viu-se envolvido em novo e controverso crime de morte: sua companheira, Marta Harbert, foi assassinada no quarto de um motel. A defesa alegou que o casal tinha sofrido um atentado e que Marta foi executada por um grupo contratado para eliminar o casal. Por ausência de provas e testemunhas, o pecuarista foi absolvido.

Em março de 2002, durante festejos em Surumu, Telmar Mota foi preso em flagrante por matar com três tiros Antônio Geraldo da Silva, e, ferir, com quatro, Francisco Ribeiro Campos Júnior. A defesa, novamente, alegou defesa putativa. Não convenceu e o criminoso foi condenado a 28 anos de prisão.

Entre presidiários, Telmar é pessoa querida e respeitada. Diretores e agentes do sistema prisional concedem-lhe regalias inexplicáveis. Políticos locais o paparicam com atenção e agrados. Albergado, ele circula com desenvoltura e, aparentemente despreocupado, pelas ruas e bares do Estado de Roraima.

Baseado em entrevistas com Telmar Mota de Oliveira, seus amigos, alguns inimigos, políticos, jornalistas e cidadãos comuns; baseado, também, em processos criminais, jornais, imagens de vídeo e documentos arquivados em cartórios, a vida de Telmar Mota (desde seu primeiro ancestral, João Capistrano da Silva Mota, o Coronel Mota), seus atos, assassinatos e efeitos provocados pelo principal deles – a morte do prefeito Sílvio Leite – este trabalho de Jornalismo Investigativo, registra o que a imprensa deixou de registrar.

Palavras-chave: Coronel Mota, João Capistrano da Silva Mota, Jornalismo Investigativo, Luis Rodrigues de Barros, Sílvio Leite, Telmar Mota.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO
2	METODOLOGIA DA PESQUISA.....
3	TELMAR – O HOMEM QUE MUDOU A HISTÓRIA DE RORAIMA.....
4	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....
5	APÊNDICE.....

INTRODUÇÃO

Telmar Mota de Oliveira é só um entre os muitos cidadãos roraimenses.

Com este trabalho, não pretendemos julgá-lo. A Justiça, usando seus códigos, se encarregou de fazê-lo e absolveu-o de duas das quatro mortes atribuídas a ele.

Telmar foi preso pela primeira vez em 29 de dezembro de 1969. Prisão arbitrária, segundo ele. Ficou recluso na Cadeia Pública até abril de 1970. Sem acusação formal, foi solto pela mesma juíza que mandou prendê-lo.

No dia 9 de outubro de 1987, Telmar participou de emboscada em que foi morto, com 19 tiros, o prefeito de Boa Vista Silvio Sebastião de Castro Leite. Dessa emboscada saíram feridos o motorista Adelino de Melo Martins, com um tiro na cabeça, e o segurança Epifânio Alves da Cunha, atingido no pé direito. Seis homens acompanhavam Telmar na empreitada. Muitas balas saíram de diversas armas. Muitos tiros foram dados por diferentes pessoas. Telmar chamou para si toda a responsabilidade e foi condenado a 16 anos e 11 meses de prisão. Desses, cumpriu_____.

Ainda preso pela morte do prefeito, Telmar, na noite de 27 de novembro de 1989, na Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, matou com seis tiros o empresário Luis Rodrigues de Barros, principal suspeito de ter arquitetado a morte de Silvio Leite e de ter arregimentado pistoleiros para a execução. Advogados, alegando defesa putativa, conseguiram que o assassino fosse absolvido em julgamento por este crime.

Em liberdade condicional, na madrugada de 12 de novembro de 1995, Telmar voltou para detrás das grades. Desta vez, foi preso em flagrante sob acusação de, poucas horas antes, ter matado Marta Maria Harbert sua companheira de 25 anos e mãe adotiva de seus dois filhos declarados, com dois tiros, em apartamento do Motel Burithy's. Por falta de provas, e alegando que o casal sofrera atentado, a defesa conseguiu-lhe a segunda absolvição.

De volta à condicional, na madrugada de 22 de março de 2002, Telmar foi novamente preso em flagrante. Em Surumu, Norte do Estado de Roraima, ele, com três tiros de pistola calibre 380, matou Antônio Geraldo da Silva. Com mais três tiros, deixou gravemente ferido o engenheiro Francisco Ribeiro Campos Junior. Em julgamento, a defesa alegou que ambas as vítimas arquitetavam a morte do réu. O corpo de jurados não aceitou os argumentos e Telmar foi condenado a 28 anos de reclusão.

Telmar está com 65 anos de idade. Desses, passou ____ atrás das grades. Beneficiado, mais uma vez, pelo sistema de progressão de penas, Telmar é obrigado a passar as noites em cela. Albergado, durante o dia, é possível encontrá-lo pelos botecos do Estado de Roraima.

Quem é Telmar?

Entre os roraimenses, a fama de matador, de pistoleiro, de homem mau prevalece. Simpático, bem humorado, inteligente e muito falante, Telmar é

querido por quem o conhece. A grande maioria, no entanto, – sejam amigos, conhecidos, desconhecidos, desafetos ou inimigos – evita pronunciar o seu nome. Será medo?

Passamos seis meses convivendo com Telmar. Entrevistamos alguns de seus amigos, pessoas de seu relacionamento, inimigos e dezenas de pessoas anônimas. Paralelamente, nos debruçamos sobre processos criminais, registros de nascimentos e de óbitos, além de muitos documentos oficiais em busca da origem, da vida e dos costumes desse cidadão que faz parte da história de Roraima. Também buscamos informações na internet e arquivos de jornais e estações de tv.

Neste trabalho aplicamos princípios de Jornalismo Investigativo para trazer ao público detalhes que a mídia deixou de explorar. Telmar Mota de Oliveira é filho de família influente – social, política, econômica e financeiramente. Seu irmão Telmário é vereador em Boa Vista; Marcelo Cabral, seu primo; o irmão de Marcelo, Rodrigo, prefeito de Amajari; Rodolfo Pereira, outro primo, já foi deputado federal e, hoje, é secretário de Agricultura do Estado; Urzeni Rocha, médico, casado com Nira Mota, prima de Telmar, é deputado federal; Augusto Botelho, também primo, é senador da República; Getúlio Alberto de Souza Cruz, primo de Telmar, é dono da maior empresa de comunicação e dirige o jornal de maior circulação do Estado de Roraima .

Talvez o relacionamento de Telmar com o poder tenha forçado o tratamento discreto que a mídia deu aos crimes que ele praticou. Em muitos depoimentos colhidos para este trabalho – depoimentos de Telmar inclusive – fica no ar a dúvida sobre a participação – direta ou indireta - de pessoas influentes na morte do prefeito de Boa Vista.

A omissão da imprensa roraimense sobre o caso deu-se por incapacidade ou por acobertamento de poderosos? Talvez nunca tenhamos respostas para muitas perguntas que pairam no ar.

Telmar, objeto de estudo

Nossa opção por Telmar Mota de Oliveira não se deu por acaso. O público gosta de escândalos envolvendo pessoas importantes. Os mistérios que suscitam as mortes do presidente brasileiro Getúlio Vargas, do presidente americano John Kennedy, do guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara, de Paulo César Farias, de Juscelino Kubistchek e de João Goulart, apesar de acontecidas há muito tempo, contribuem para aumentar tiragens de jornais e revistas ou fazer subir os índices de audiência redes de televisão.

Pretendemos, e envidamos esforços, para que este nosso trabalho esclareça pontos obscuros da vida de Telmar Mota e temos certeza de que estamos fornecendo farto material para pesquisa sobre a história recente do Estado de Roraima.

O público sempre quer saber mais sobre as pessoas que fizeram história. Telmar é história. Pelo menos um de seus crimes provocou mudanças radicais na história do Estado de Roraima.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Criado com a Constituição de 1988, e implantado nos três anos seguintes, Roraima é um dos mais novos estados brasileiros. .

A colonização de terras no extremo Norte do Brasil deu-se, de fato, a partir da segunda metade do século 18, quando Dom Pedro II, preocupado com ações invasoras de ingleses e holandeses, ordenou aos militares que criassem uma missão para expulsar intrusos e prevenir contra possíveis novas incursões.

Assim, o Forte de São Joaquim, na confluência dos rios Uraricoera com Tacutu, teve sua construção iniciada em 1775 e abrigou os primeiros defensores do solo brasileiro nos campos gerais do Vale do Rio Branco. Depois dos militares, vieram os colonizadores.

Muito da história roraimense se perdeu. Ou não foi registrada, ou sumiu por falta de cuidados. Há ainda a destruição intencional de documentos. A revista Boa Vista – 118 ANOS EM FATOS E FOTOS, no rodapé da página 22, afirma:

“Conforme o historiador Aimberê Freitas, o primeiro prefeito de Boa Vista, quando Roraima foi transformado em Território Federal, Mário Homem de Mello, ao assumir o cargo em 1944 (quase um ano depois de ser nomeado), decidiu queimar todos os arquivos do Município. Devido a esse fato, existe uma lacuna irrecuperável de datas e fatos históricos do período da criação do Município, de 1890, até o ano de 1944. Do incêndio salvou-se apenas a Ata de Criação de Boa Vista.”

Houve muitas mortes por terras, poder, pedras preciosas, dinheiro... Registros não há. A guerra entre as famílias Cruz e Brasil, por exemplo, relatada em livro que se tornou proscrito, vai sendo esquecida à proporção que morrem os antigos descendentes dos pioneiros.

Sendo novo o Estado, seu jornalismo está em fase de crescimento. Para pesquisar sobre a imprensa roraimense, ou sobre temas abordados por ela, o pesquisador tem que se preparar para verdadeira garimpagem. Deve preparar-se, também, para deixar muitas lacunas abertas. Roraima não tem um museu histórico. No Estado, não existe um só arquivo organizado. Logo, Roraima não tem história.

Alguns pesquisadores, timidamente, tentaram resgatar a memória do Estado. Obras publicadas até agora, no entanto, deixam a desejar. Autores cometem erros grosseiros, omitem fatos importantes e, vez por outra, confundem dados e informações.

Ao decidirmos pesquisar Telmar Mota, não buscávamos simplesmente a vida do réu confesso de quatro mortes – e outras a ele atribuídas. Não buscávamos o sensacionalismo de crimes violentos. Buscávamos desvendar, ou, pelo menos, entender a recente história política do extremo Norte do Brasil.

Telmar é lendário. É conhecido pela fama de machão, matador, homem mau, líder entre os presidiários de Roraima. Telmar é integrante da maior família roraimense: os Mota. A família Mota sempre esteve envolvida com o poder e vem participando de grandes decisões político-administrativas no Estado desde a segunda metade do Século 19. João Capistrano, o primeiro Mota a aportar na Freguesia do Carmo de Boa Vista do Rio Branco, foi prefeito do Município quatro vezes. Ao longo dos anos, seus descendentes vêm ocupando cargos importantes na política e na administração roraimenses. De vereadores a senadores da República.

Inicialmente, buscávamos analisar um homem que matou pelo menos 10 pessoas (nas contas dele e dos que dizem conhecer sua vida). Pretendíamos abordar sua infância, seus hábitos, sua educação e o que o levou às atitudes criminosas. Buscávamos contar o que a mídia não contou. Achamos muito mais do que procurávamos.

A idéia inicial era fazer um registro da genealogia da família Mota e, quando chegássemos ao nascimento de Telmar, objeto de nosso estudo, nele centraríamos o foco. O leque teve que ser aberto. Não se pode falar em Telmar e sua família sem penetrar numa abordagem política.

Logo no início da pesquisa sobre os descendentes de João Capistrano, vimos que as informações conseguidas com pessoas, artigos, reportagens e livros publicados eram conflitantes, não confiáveis.

Com muita sorte, descobrimos que o escritor e genealogista paraibano, Tarcízio Dinoá Medeiros, está pesquisando os Mota há algum tempo. Tarcízio abriu-nos seus arquivos. Analisando alguns registros feitos por Medeiros também encontramos informações conflitantes e duvidosas. Decidimos, então,

convidados por ele, pesquisar antigos livros de registros de nascimentos e óbitos em cartórios.

Durante 28 dias anotamos, fotografamos, deciframos caligrafias rebuscadas e complicadas e fizemos leituras de textos em português arcaico. Na fonte, visitamos boa parte da história. Corrigimos informações erradas sobre relacionamentos interfamiliares, datas e locais de nascimento e mortes. Conseguimos até estabelecer a controversa idade de João Capistrano da Silva Mota, a data de sua morte e o exato número de seus descendentes diretos.

A partir daí, nos concentramos em Telmar. Para fazer um trabalho honesto e confiável, gravamos longas conversas com nosso personagem, confirmamos informações com quem podíamos confirmar, pesquisamos processos arquivados na 1ª. Vara Criminal do Estado de Roraima, coletamos publicações e fotografias nos arquivos do jornal Folha de Boa Vista, adquirimos vídeoregistros na TV Roraima e entrevistamos mais de 100 pessoas.

Em nossa pesquisa, utilizamos e respeitamos todos os conceitos de Jornalismo investigativo. Balizamos nosso trabalho no livro de Mário Erbolato, Técnicas de Codificação em Jornalismo – Redação Captação e Edição no Jornal Diário (Editora Ática, 2003), e, claro, utilizamos outras fontes de informações; até porque, modificações importantíssimas vêm acontecendo nos últimos tempos – a todo momento – quando se trata de mídia. A popularização de computadores, os avanços na tecnologia de comunicação e a maneira de informar e ser informado passam por grandes revoluções.

Informação e Opinião

Suponhamos que cinco pessoas tenham assistido a uma briga de rua. Se pedirmos para cada uma delas relatar o acontecimento, teremos cinco relatos diferentes. Além dos ângulos de visão, detalhes e interesses pessoais não de proporcionar relatos diversificados. Por mais que cada uma daquelas pessoas se esforce para ser isenta, suas interpretações serão pontuadas por opiniões. A interpretação e a opinião ferem a informação? O jornalista não deve opinar sobre os temas abordados. Editoriais e panos de fundo se encarregam desta missão. A linha que separa o jornalismo interpretativo do opinativo é muito tênue e o profissional deve ser muito cuidadoso. A interpretação

enriquece uma notícia, mas o jornalista deve estar consciente que sua opinião pode afugentar leitores que não pensam como ele.

“Há os que resistem à prática do jornalismo interpretativo, alegando que, com ele, se pretende transmitir aos leitores opiniões disfarçadas de análises e interpretações” (...) “1º) É notícia informar que o Kremlin está lançando uma ofensiva de paz. 2º) É interpretação explicar porque o Kremlin tomou essa atitude. 3º) É opinião dizer que qualquer proposta russa deve ser rechaçada sem maiores considerações.” (Erbolato, 2003, p.34 e 35)

Em nosso trabalho, apesar de compelidos a fazê-lo, pela polêmica que o personagem inspira e pela complexidade de suas ações, procuramos não opinar. Evitamos sair dos campos da informação e interpretação para invadir o campo da opinião. Tarefa árdua.

Com a Teoria do Espelho aprendemos que os fatos devem ser relatados como se estivessem refletidos em um espelho. A Física, no entanto, comprova que uma imagem refletida sempre apresenta as dimensões alteradas. Além de apresentar-se invertida. O jornalista deve ter muito cuidado com a opinião. Muitos editores, acertadamente, cortam exageros de interpretação quando sentem que a linha opinativa está sendo ultrapassada.

“Não se pode dizer onde se situa o trabalho de interpretar, entre as funções de informação de um lado e as da editoração de outro. Todo jornalista capaz, ao interpretar, usa tanto a técnica da reportagem como a da redação dos editoriais, sem que o resultado seja uma reportagem meramente informativa ou um artigo de fundo.” (Erbolato, 2003, p. 36)

Sobre a informação com profundidade, Turner Catledge (1901-1983), editor-chefe do jornal New York Times, defendia:

“A palavra informar é completa por si mesma e exige que o repórter e o jornal dêem ao leitor notícias tão exatas e profundas quanto mereça a importância dos fatos. Consideramos

que informar a fundo é apresentar ao leitor notícias tão exatas e profundas como mereça a importância dos fatos. Consideramos que informar a fundo é apresentar ao leitor todos os aspectos essenciais sobre um assunto, os porquês, os motivos e tantos ângulos do caso quanto seja possível. Temos que oferecer ao público muitos antecedentes.” (Erbolato, 2003, p. 37)

No *The Wall Street Journal*, os diretores determinam que seus funcionários “trabalhem uma história completa”. A matéria deverá ser plena e profunda. Se o assunto for de importância, nada deve ficar sem solução. Ensina Erbolato:

“Qualquer reportagem em profundidade deve seguir a orientação resumida dos seguintes itens: 1º.) Dar ao leitor os antecedentes completos dos fatos que originaram a notícia. 2º.) Mostrar o alcance que tiveram as circunstâncias, no momento em que os fatos ocorreram, e dizer o que poderá resultar no futuro, em consequência delas. 3º.) Comentar todos esses fatos e situações anteriormente descritos, o que constituiria em uma análise.” (Erbolato, 2003, p.37 e 38)

Utilizando orientações de grandes nomes da imprensa ocidental, pretendemos complementar informações que a mídia roraimense deu aos crimes cometidos por Telmar Mota.

Na época, o Brasil libertava-se das amarras da Ditadura; José Sarney tinha tomado posse no lugar de Tancredo Neves, primeiro presidente eleito depois de 22 anos, tempo que vivemos sob as amarras da revolução de 1964. A Folha de Boa Vista, mais importante jornal roraimense, ensaiava os primeiros passos e buscava ser imparcial. Era possível?

Getúlio Cruz, apontado como um dos possíveis mandantes da morte do prefeito, governava o Estado; Robério Araújo, seu cunhado, também apontado como interessado na eliminação de Sílvio Leite, era vice-prefeito e, com a morte do titular, assumiria o comando do Município. Que pressões o jornal Folha de Boa Vista sofreu para amenizar notícias?

Mais, Getúlio é descendente de João Capistrano da Silva Mota e, por consequência, parente do assassino. A Folha noticiou os dois mais importantes assassinatos cometidos por Telmar Mota com a mesma ênfase dada a outros crimes de morte. Agindo assim, o principal jornal de Roraima, omitiu informações.

Passados mais de 20 anos desde a morte do prefeito Sílvio Sebastião de Castro Leite e do empresário Luis Rodrigues Barros, reportagens sobre o assunto ainda despertariam interesse no público roraimense. Até hoje, nenhum veículo de comunicação aprofundou-se nas causas, planejamentos e efeitos desses assassinatos que mudaram os rumos da política no Estado de Roraima.

Numa comparação exagerada, as mortes de Getúlio Vargas, John Kennedy, Ernesto Che Guevara, Juscelino Kubistcheck, Paulo César Farias e João Goulart, apesar de antigas e muito exploradas pela mídia, aumentam a tiragem de jornais revistas e elevam índices de audiência de redes de televisão quando abordadas.

Para recuperar leitores que vinha perdendo gradativamente, a maneira que o Jornalismo impresso utilizava para passar informações tinha que ser mudada. Já em 1960, George Galupp, aquele que ficou famoso pelas técnicas de pesquisa de opinião pública, reclamava da mesmice dos jornais na apresentação de notícias.

Em 1965, chegou às bancas e livrarias *A Sangue Frio (In Cold Blood)* de Truman Capote, livro que combinava técnicas de romance com estilo jornalístico. A morte de quatro pessoas no longínquo estado do Kansas, tornou-se interesse nacional e um dos maiores sucessos de vendas nos Estados Unidos. Em seguida, o livro tornou-se *best seller* mundial.

Capote deixou Nova Iorque e, durante quase seis anos, enfiou-se na cidadezinha de Holcomb, Kansas. Em contato diário com os homicidas Perry Smith e Richard Hickock, matadores dos quatro integrantes da família Clutter, ele buscava entrar no universo dos acontecimentos e nas mentes dos assassinos. Usando muita paciência e perspicácia, o autor entrevistou outros criminosos, cidadãos comuns, policiais, parentes, vizinhos e conhecidos das vítimas e dos criminosos para, assim, construir e transmitir as emoções de sua narrativa que começa no dia 14 de novembro de 1959 – data do latrocínio – e termina seis anos depois, quando Smith e Hickock morreram enforcados.

Críticos comentam que Capote extrapolou os limites da ética ao envolver-se com os assassinos. Homossexual assumido, há indícios de que Truman Capote tenha se envolvido afetivamente com um dos condenados. Os diretores dos filmes “Capote” e “Confidencial”, espécie de reportagens sobre a vida do escritor americano durante o tempo em que colhia informações para escrever *A Sangue Frio*, fazem questão de condená-lo por deslizes como esse. Mais, ao conquistar a confiança dos assassinos, Truman Capote teria se aproveitado para fazer chantagem emocional prometendo ajudá-los na busca pelo perdão para as penas de morte. Ambos os filmes deixam claro que Truman Capote torcia para que chegasse ao fim a série de recursos e adiamentos da execução. Ele queria escrever o último capítulo da obra e colocou seus interesses acima do destino dos biografados.

A Sangue Frio não contém revelações novas ou sensacionais sobre o quádruplo assassinato. Novidade são os comentários e a descrição pormenorizada do ambiente e do estado psicológico dos entrevistados.

Deixando de lado os deslizes do autor americano, alguns estudiosos da matéria afirmam que com Capote nasceu o Jornalismo Diversional.

“No Jornalismo Diversional, o repórter procura viver o ambiente e os problemas dos envolvidos na história, mas não pode se limitar às entrevistas superficiais e sim ‘descobrir sentimentos, anotar diálogos, observar tudo e fazer-se presente em certos momentos reveladores.” (Erbolato, 2003, p.44)

Ricardo Noblat também enfatiza o detalhe em uma notícia. O jornalista incentiva:

“Pequem pelo exagero. Apurem mais informações do que irão precisar para escrever alguma notícia ou reportagem. É melhor mandar informação para o lixo do que descobrir, na hora de escrever, que está faltando alguma coisa.

À medida que apurarem, comecem a esboçar mentalmente o texto que escreverão depois. Assim, descobrirão mais facilmente que informações faltam ou sobram. Não

deixem para pensar no texto diante do terminal de computador.

(...)

A importância de um fato é que determina a extensão de uma notícia. Mas mesmo uma notícia de 30 linhas, digamos, ganhará mais credibilidade se o repórter contá-la em detalhes .

A notícia pode estar no detalhe da história. No caso do índio Galdino, que morreu queimado em Brasília, o detalhe sobre a quantidade de álcool despejada sobre seu corpo foi vital para condenar os assassinos a uma pena maior. Se eles tivessem usado pouco álcool, poderia ter prevalecido a tese dos seus advogados segundo a qual tudo não passara de uma brincadeira de péssimo gosto para assustar o índio. Mas eles molharam o corpo do índio com um litro de álcool. E nem sequer o socorreram quando o fogo se alastrou.” Noblat, 2002, p. 42 e 43)

Concluimos, assim, que o Jornalismo Diversional dá ênfase à *Humanização*.

“Humanização quer dizer levar a informação até o ambiente do leitor, de maneira a que ele a sinta. Não é escrever para o leitor, mas redigir de tal forma que a notícia tenha um sentido para ele. The Wall Street Journal, que alcançou rapidamente grande circulação, demonstrou a importância de se escreverem notas financeiras à altura da compreensão e das possibilidades econômicas de seus leitores. Em tópicos bem desenvolvidos orientava o norteamericano, inclusive o da classe média, sobre como aplicar suas economias. Humanizar uma história seria, também, enquadrar o personagem de um acontecimento no mesmo cenário da maioria dos leitores. Se um homem foi encontrado morto, assassinado ou atropelado, o jornal poderia mostrar que ele era um mecânico que, nas suas horas de folga, nos sábados e domingos, ajudava as

crianças, suas vizinhas, a construir carrinhos feitos com tábuas de caixotes.” (Erbolato, 2003, p. 39).

Ricardo Noblat revolucionou ao Misturando técnicas e conhecimentos apreendidos na Academia, resolvemos fazer reportagem *humanizada* sobre Telmar Mota. As muitas dificuldades surgidas foram solucionadas ou contornadas.

Aproximação e abordagem

Como chegar ao homem famoso por sua maldade e truculência, acusado e julgado por quatro mortes violentas, e convencê-lo a conceder entrevistas para uma matéria? Tarefa aparentemente difícil. Telmar é uma pessoa afável, educada e bem informada. Vaidoso à sua maneira, o assassino mostrou-se entusiasmado com a idéia de ser personagem central de um livro.

Proposta, respeito e medo

Como conduzir longas conversas com alguém que tem fama de mudar rapidamente de humor? Que palavras usar para não provocar uma confusão e, quem sabe, fomentar discussões ou agressões? Mesa de bar, cerveja e cachaça. Devido ao sistema de progressão de penas, Telmar cumpre sua condenação em regime semiaberto. Este regime proíbe que o apenado frequente bares e consuma bebidas alcoólicas. Mas estamos no Brasil e, no Brasil, sabemos que muitas leis são transgredidas.

Buscamos encontrar o objeto de nosso estudo nos lugares que ele freqüenta, no seu meio, seu universo. Os primeiros e tímidos encontros serviram para, aos poucos, ganharmos confiança de Telmar. Sem nenhum equipamento eletrônico, sem lápis nem papel para registrar, valemo-nos da memória. Não sabíamos, ainda, se nosso entrevistado permitiria registros. No terceiro encontro, fomos autorizados a utilizar gravador.

Técnicas

Apesar de utilizar as técnicas de Jornalismo passadas pela Academia, decidimos que os encontros dar-se-iam dentro da maior informalidade possível. Telmar fala compulsivamente. Resolvemos deixá-lo falar; quando sentíamos

que seus relatos fugiam aos nossos objetivos, aparteávamos, trazendo-o de volta para o que podia nos interessar. Misturamos, assim, todas as técnicas e conhecimentos sem nos prendermos a nenhum deles. Sem fugir da realidade, o rumo seria corrigido na edição.

Confirmando informações

Telmar fantasia situações; às vezes, acreditando em suas palavras, distorce fatos, buscando para si o título de “homem que faz chover”. Muitos de seus relatos beiram a fanfarronice. Quando em dúvida, confirmamos ou desmentimos informações via entrevista com testemunhas, pesquisa em processos, leitura de jornais e análise de videorreportagens conseguidas na TV Roraima.

Ouvir, mas não registrar

O nome Telmar Mota causa apreensão. Medo. Ao buscarmos confirmações testemunhais de fatos relatados por ele, os entrevistados normalmente exigiam falar *em off*. Muito do brilho de nossa pesquisa se perde pelo acordo feito com as fontes que não querem ter seus nomes citados.

No dia 21 de maio, fomos contatados por valiosa fonte. Amigo e confidente de Luiz Rodrigues Barros - depois de Telmar Mota, uma das figuras que mais aparece em nosso trabalho. Dizendo saber o que ninguém sabia, a fonte queria falar. Exigiu, entretanto, que não usássemos nenhum aparelho eletrônico para gravá-lo e que seu nome fosse omitido.

Conclusão

Após compilação, ordenação e edição dos dados, trazemos a reportagem e o vídeo-documentário “Telmar Mota: o homem que mudou a história de Roraima” que muito esclarecem, de forma humanizada, as mudanças que Telmar Mota provocou no cenário político roraimense.

Apesar de esclarecer, a reportagem deixa uma série de perguntas sem resposta. Será que, algum dia, a verdade verdadeira e total dos fatos virá à tona?

O Primeiro Mota em Roraima

O paraense João Capistrano da Silva Mota chegou à Freguesia de Nossa Senhora do Carmo de Boa Vista no ano de 1865. Com 28 anos de idade, sargento do Exército, integrava uma comissão criada para apurar denúncias sobre desvio de gado da Fazenda Nacional de São Marcos. Tempos depois, decidido a ficar na Região, recebeu patente de Coronel da Guarda Nacional. Com o título incorporado ao nome, passou a ser conhecido como Coronel Mota. Hoje, nome de uma rua e de um hospital em Boa Vista.

João Capistrano casou-se com Ana Cecília que lhe deu onze filhos. Em 1904, sete anos depois da morte da primeira mulher, casou-se com Josefa Evangelista de Pinho. Desta união, nasceram mais cinco herdeiros.

Atualmente, é difícil quantificar os descendentes de Coronel Mota. Os pesquisadores Armando de Souza Cruz e Tarcízio Dinoá Medeiros – o primeiro, seu neto; o segundo, casado com uma bisneta do coronel – empenham-se em desenhar a árvore genealógica e destrinchar o emaranhado de casamentos interfamiliares no maior de todos os clãs roraimenses.

As terras na Freguesia eram fartas e o governo incentivava sua ocupação. Coronel Mota tomou posse de imensas áreas e, ao longo dos anos, distribuiu-as entre descendentes, dando prosseguimento à vocação pecuária do que viria a ser o Estado de Roraima.

Dois anos antes da criação do Território Federal do Rio Branco, em 1941, com 104 anos de idade, Coronel Mota morreu. Morreu, mas deixou, pelo menos, 16 filhos, 80 netos e 239 bisnetos.

Nascimento, infância e adolescência de Telmar Mota

Genaro de Oliveira casou-se com a viúva Raimunda da Silva Mota, filha do Coronel. Raimundo Mota de Oliveira, conhecido como Dico, filho de Raimunda e neto de João Capistrano, casou-se com Ana Cabral. No dia 21 de julho de 1944, na fazenda Progresso, região do Alto Maú, Aninha deu à luz o seu primeiro filho: Telmar.

A infância do primogênito de Dico e Aninha foi igual à de qualquer menino criado em fazendas do novo Território Federal: poucos amigos e nenhum vizinho. O dia a dia resumia-se à lida com a terra e ao pastoreio de animais. Telmar inventava brinquedos, fantasiava situações e protagonizava aventuras com os filhos de peões. À noite, depois de ouvir histórias de caçadas, pescarias, viagens, mortes e assombrações, as lamparinas eram apagadas e todos se recolhiam às suas redes para dormir. No dia seguinte, a rotina era retomada.

Aquelas histórias cabeludas de morte e assombração produziram medo no menino solitário. Medo que o acompanhou até o dia em que ele descobriu ter capacidade de fabricar as suas próprias almas penadas.

“Uma noite, eu queria transar com uma menina. Nós não tínhamos pra ir... Lembrei que a casa do promotor estava desocupada e fomos pra lá. Quando a gente estava começando a ficar numa boa, um rádio, na casa ao lado, anunciou a morte de Chevla Peixoto. Como eu tinha medo de alma, vesti a roupa e caí fora daquele escuro sem nem terminar o serviço” (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009).

Os únicos meios de transporte de então eram cavalos, carros de boi, canoas, e pequenas e rudimentares embarcações. Sem um simples aparelho de rádio (não havia luz elétrica e os benefícios dos transistores ainda não haviam chegado à Amazônia), a família Mota de Oliveira vivia isolada. Do mundo, só sabiam por ouvir dizer, quando, uma vez por ano, dava-se a contagem, ferra e embarque de gado para abastecer Boa Vista, a capital, e Manaus, no Estado do Amazonas.

A ferra era uma verdadeira festa. Fazendeiros e peões da redondeza, além de pessoas da cidade, compareciam para ajudar nos serviços, comer, beber e dançar à vontade.

Telmar viveu na Fazenda Progresso até os oito anos de idade. Depois, com a família, mudou-se para a fazenda Porto Alegre, à margem esquerda do rio Tacutu. Pouco tempo depois, nova mudança; agora para a fazenda Triunfo, propriedade de sua avó – um dos poucos bens que João Baiano, perdulário, segundo marido de Ana Cecília, não conseguiu desfazer-se. Dico Mota administrava o lugar. Ganhava na base de 1/4 (de cada quatro bezerros nascidos, um ficaria para o capataz).

Em 1955, então com 11 anos, Telmar foi mandado para estudar em Boa Vista. O médico Sílvio Botelho, casado com Flora, irmã de Dico, acolheu o sobrinho e matriculou-o na Escola Lobo D'almada. Professores como Vivaldo Barbosa, Cidalina Thomé, Maria Helena das Neves, Camilo Dias, Elzika Coelho e Maria do Carmo Fraxe se encarregaram de educar o interiorano.

Telmar era tímido e aplicado nos estudos. Por causa da facilidade com letras e números - conhecimentos adquiridos com sua mãe ainda na fazenda -, a direção do colégio resolveu conduzi-lo para o segundo ano primário. Mais velho e, naturalmente, com porte físico mais vigoroso do que a maioria de seus colegas, ele brigava durante as partidas de futebol. De vez em quando, lá estava o menino distribuindo porrada nos adversários.

1967 (primeiros problemas com a Justiça)

Aqui, eu preciso conversar com Telmar e com pessoas que possam me esclarecer detalhes.

Enquanto isso, a família de Aninha e Dico crescia. Telcimar nasceu em ____; Telma, em ____; Télcio, no ano de ____; e, , em 1959, Telmário.

Dados a serem colhidos e anotados antes de entregar o texto final

Aos 15 anos de idade, após concluir o curso primário, Telmar abandonou os estudos e passou a trabalhar de vaqueiro para um ou outro de seus parentes. A vida de peão de fazenda era dura e não rendia muita coisa. O primogênito de Dico Mota queria mais. Depois de dez anos campeando e ferrando em terras alheias, em 1969, ele pediu e conseguiu, de seus pais, um pedaço da fazenda Progresso. Tudo de papel passado; tudo dentro da legalidade.

No início daquele ano, João Evangelista de Pinho, “seu” Dandãe, um dos maiores pecuaristas do Estado, confiou a Telmar mil cabeças de gado. Ele trabalharia, como era comum, na base de 1/4. Sebastião Teixeira, conhecido como Sabá Bodó, doou-lhe arame farpado suficiente para a construção da cerca que estabeleceria os limites das terras e impediria que o gado fugisse e

se perdesse na imensidão dos lavrados. Com dois ajudantes, o novo criador iniciou a enfiada de moirões e a esticada de arame.

Problemas

As terras de Telmar faziam limite com a fazenda Baliza, de propriedade do tio, Tuxaua Pereira, e com a fazenda Brasília de outro irmão de seu pai, Almério “Totinho” Pereira. Estes fazendeiros imaginaram que a cerca erguida os deixaria isolados, sem acesso à estrada. Conversando, o novo pecuarista, explicou-lhes que reservaria uma vereda guarnecida com porteiras para livre trânsito dos vizinhos e seus rebanhos. Tuxaua e Totinha não aceitaram os argumentos e, na cidade, deram queixa na Polícia: “Nossas terras estão sendo invadidas”.

Três mil metros de arame já estavam esticados, quando Telmar recebeu intimação para comparecer à Delegacia. Explicou ao chefe de Polícia sua atitude e, ato contínuo, procurou o juiz federal Silvério Cabral a quem relatou o impasse. O juiz foi taxativo: “Ninguém pode invadir a sua propriedade: nem vizinhos, nem policiais. Só a Justiça pode fazê-lo. Pode continuar cercando o seu terreno, você está dentro da lei”.

De volta à fazenda, Telmar arrematava uma porteira quando seus tios, montando cavalos, se aproximaram e iniciaram discussão. Agressões verbais e xingamentos surgiram de parte a parte. Repentinamente Totinha sacou a arma e disparou três tiros que atingiram mão e ombro esquerdos, e, de raspão, a cabeça do sobrinho. Para defender-se, Telmar, lançou contra seu parente o pedaço de faca que usava para cortar arame, ferindo-lhe o braço direito. Os invasores bateram retirada e o filho de Dico, socorrido por ajudantes, foi conduzido ao barracão que abrigava trabalhadores.

Totinha Pereira valendo-se de influências – o deputado Silvio Lofego Botelho e o promotor de justiça Aristarte Gonçalves Leite eram casados com Flora e Olga, irmãs do reclamante –, transformou o revide de Telmar em agressão e conseguiu influenciar seus cunhados na busca por punição sumária para aquele que tinha agido em legítima defesa.

Primeira prisão

Na época, no Brasil, imperava o regime de exceção imposto pelos militares. Em Roraima, o poder constituído misturava-se com os mandos e desmandos de autoridades. Nomeada juíza, Maria Elisa Chamberlain chegou à cidade de Boa Vista às 17 horas do dia 28 de dezembro; às 9 horas do dia seguinte, ordenou que Telmar Mota de Oliveira fosse recolhido à Cadeia Pública. Assim, no dia 29 de dezembro de 1969, ele foi preso pela primeira vez.

“Parente, na semana passada fez 40 anos que eu fui preso pela primeira vez. Isso merecia uma festa.” (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009).

“Em Roraima, ninguém conhece o sistema prisional mais do que eu: tirei uma temporada na Cadeia Pública, ajudei a construir a Penitenciária Agrícola de Boa Vista e inaugurei a Penitenciária de Monte Cristo” (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009).

Sacaneando a juíza

Durante os primeiros dias de cadeia, revoltado com aquela injustiça, o fazendeiro começou a arquitetar vingança contra a arbitrariedade. Simulando doença, conseguiu autorização para consultar-se com os médicos que trabalhavam no Hospital Nossa Senhora de Fátima. Ao voltar da consulta, convenceu o guarda territorial Plácido a acompanhá-lo até a Foto Favorita. Lá, chamou o proprietário e convenceu-o a fotografar seu pênis.

“- Célio, quanto tu queres pra bater um retrato do meu pau?”

A princípio, o fotógrafo pensou tratar-se de brincadeira. Convencido da seriedade da consulta, propôs:

- Duzentos cruzeiros...

- Vou te pagar quatrocentos. Mas eu quero uma foto bem bonita e bem grande. Vou pagar adiantado. Quanto estiver pronta, manda me entregar ali no xadrez.

Entre no banheiro, me ajeitei e, quando estava com o cacete tinindo, falei pro Célio: ‘Tou pronto!’. Recebi a foto. No verso, escrevi uma dedicatória: ‘Excelentíssima Senhora Juíza Maria Elisa Chamberlain, Aqui está o retrato do pau do macho que a senhora mandou prender. E assinei: Telmar Mota de Oliveira’.

Botei o retrato num desses envelopes amarelos, e mandei o Gutemberg, filho do policial Olival Melo, entregar no gabinete da destinatária.” (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009).

Célio Rodrigues conta diferente:

“Telmar tinha um envolvimento com sua sogra, (nome da sogra). Benildo (sobrenome), o marido, descobriu e, pela cidade, espalhou o boato que tinha dado uma surra no traidor. Disse mais. Disse que tinha arrancado os bagos de Telmar.

Foi aí que o Telmar compareceu na minha loja e pediu-me para fotografar seu pênis. Estranhei. Mas eu era um fotógrafo profissional...

Fomos para o estúdio, ele se isolou, tirou a roupa e, depois de algum tempo, surgiu com o pau duro dizendo ‘Tou pronto’. Ainda fizemos alguns ajustes. Eu disse: ‘Telmar, se tu

queres mostrar o pau e os ovos, segura o cacete com a mão esquerda e o saco com a direita'. Bati três ou quatro fotos, escolhi a melhor, ampliei-a, fiz cópias e entreguei-lhe a encomenda.

Essas fotos foram distribuídas pela cidade. Telmar precisava mostrar que continuava macho.

Quando preso, ele resolveu mandar uma daquelas cópias para a juíza.

Injuriada, informada que eu tinha sido o autor da arte, a autoridade ordenou invasão do meu estúdio para apreender os negativos.

Pensando que a foto fora feita para humilhá-la, e que o fotógrafo tinha parte na trama, pretendia processá-lo. Por sorte, eu fiquei sabendo da ordem da juíza antes que os policiais chegassem à minha loja e destruí qualquer vestígio do acontecimento.

Agindo profissionalmente, eu quase me enrolo.

Eu sei que, depois daquilo, a juíza tornou-se amante de Telmar.” (Célio Rodrigues em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 10 de maio de 2009).

Um coronel da Polícia Militar, que pediu anonimato, também conhece a história da foto e o envolvimento de Telmar com a juíza.

“A história da foto é verdadeira. Telmar mandou entregar a foto no gabinete da juíza. Maria das Dores Brasil, chefe de gabinete, foi quem recebeu e abriu o envelope.

Naquele tempo, os presos eram requisitados para serviços nas ruas e nas casas de algumas autoridades.

Depois da conversa com a juíza, Telmar passou a fazer serviço de jardinagem e limpeza na casa dela. O pessoal comentava que os dois tiveram um caso. Não tenho certeza. Sei que, logo depois, ele foi solto” (Fonte anônima em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 10 de maio de 2009)

Em abril de 1970, por falta de consistência legal, Telmar foi solto. Os tios tinham se tornado seus inimigos. Telmar movia processo contra Almério “Totinha” Pereira, e Almério “Totinha” Pereira movia processo contra Telmar. Ambos por tentativa de homicídio. Ambos os processos tiveram origem naquele mesmo fato ocorrido em 1969.

Segundo Telmar, Totinha passou a persegui-lo. Procurava uma brecha para colocá-lo atrás das grades e impedi-lo de tocar a fazenda.

Fama de mau

A briga com familiares, a foto enviada para a juíza e alguma fanfarronice de Telmar junto aos outros presidiários durante a primeira temporada atrás das grades, desencadearam a fama de homem mau e resolutivo que ele carrega até hoje.

Histórias de morte e tortura começaram a ser agregadas ao nome do fazendeiro. Ele diz que a maioria é invenção. Mas ressalva: *“nunca levei desaforo pra casa e sempre resolvi minhas paradas”.*

“Ouvi dizer que Telmar era muito mau. Contam que uma quadrilha vinha roubando gado da fazenda dele. Com seus peões, ele montou guarda e prendeu os ladrões. Prendeu-os, tirou-lhes toda a roupa, amarrou-os na cerca, bezuntou-os com mel e deixou que as formigas se encarregassem de dar-lhes a lição” (Maurício Zoueiri, em conversa com Aroldo Pinheiro no dia 11 de novembro de 2008)

“Uma vez, o Tabajara Pinho, meu primo, reclamou que um de seus peões estava roubando-lhe gado. Perguntou se eu não queria dar um jeito no peste. Topei.

Passei uns dias na fazenda do primo, fiz amizade com o caboco e ganhei a confiança dele.

Uma tarde, depois do almoço, convidei-o pra caçar veados. Ele topou.

Pensei: ‘Vou levar esse filho da puta pra bem longe e matá-lo onde nem urubu vai encontrar o corpo’.

Era tempo de seca, e encontrar água tava difícil. Depois de muito andar a cavalo, já de tardezinha, eu vi um lago com um resto de água. Mostrei-lhe rastros de veado e disse-lhe:

- É aqui que a gente vai esperar os bichinhos.

O caboco me olhou, não sei se pressentiu alguma coisa, e falou:

- Seu Telmar, eu tou meio preocupado. Pra chegar aqui de dia, a gente passou por uns lugares meio perigosos... Assim, de noite, eu tou meio com medo da nossa volta...

Apontei a 12 pro peito do peão, atirei e, quando ele caiu, falei:

- E eu que vou ter que voltar sozinho...”

(Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009)

Cria fama e deita-te na cama

Mais um caso de violência:

“Em 1970(?) fulano de tal chegou à margem do rio Maú com diversos isopores contendo vacinas para o gado. Material perecível exigia pressa e cuidados. Como o caboco encarregado da balsa não estava no posto dele, o fazendeiro embarcou seu jipe e, tendo noções de navegação, fez a travessia. A balsa, claro, ficou do lado de lá.

Eu precisava ir à cidade e, naquele mesmo jipe, vim pra atravessar o rio Mau. O balseiro reconheceu o carro do cara que tinha usado a balsa sem a sua permissão, aproximou-se de mim e veio abusando:

- Foi tu que usou a balsa e saiu falando que eu era irresponsável?

- Não, parente. Calma. Hoje, eu não atravessei esse rio.

O caboco pegou um terçado e partiu pra cima de mim. ‘Ah, não. Eu não vou lutar contra esse facão não’. Corri pro carro, peguei o trinta e oito e dei um tiro só pra assustar. O balseiro se jogou na água, eu liguei o motor da balsa e atravessei o rio. Vim-me embora.

Quando cheguei na minha casa, o carnaval tava formado. O caboco fez o maior auê, o chefe dele deu parte, e lá vou eu de novo pro xilindrô.

Áureo Cruz, meu amigo, meu primo, trabalhava na Polícia. Ele foi me visitar e pediu que eu contasse a história.

- Áureo, parente, tu sabes que eu não minto – Aí contei-lhe como foi o acontecido... Tudo direitinho.

Muito amigo de Hélio Campos, o governador, Áureo foi lá, falou com o coronel [Hélio Campos era tenente-coronel-aviador] e, logo, eu fui levado ao Palácio do Governo, que ficava ali na Prefeitura velha. Subi as escadas e, quando entrei na sala, o coronel falou:

- Quer dizer que você é Telmar Mota, o homem brabo de Roraima...

- Que é isso, governador... O pessoal inventa e exagera.

- Telmar, conte-me o que aconteceu lá na balsa.

Contei tim-tim por tim-tim e o governador mandou me soltar.

Parente, foi daí que a minha fama aumentou. Começaram a surgir histórias a meu respeito e a polícia começou a me perseguir. Onde tinha confusão, diziam que eu tava no meio.”

(Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009)

Ainda sobre a origem de sua fama de mau, ele fala:

“Um dia, meus irmãos Télcio e Telmário, tudo menino, arranjam um briga no arraial de São Francisco. Sem saber de nada eu apareci no arraial. Inventaram que, armado com uma espingarda, eu andava procurando o pessoal que bateu nos meus irmãos.

A polícia veio me encher o saco. Fiquei aborrecido com a cidade e decidi me isolar na mato. Fui pra fazenda e fiquei por lá com meu gado e meus cavalos. Só vinha à cidade fazer o necessário.

Depois de muitos anos, foi quando apareceu Silvio Leite, eu me envolvi com política e deu essa merda toda que tá aí". (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 04 de janeiro de 2009).

O assassinato do prefeito e a primeira condenação

A vida de Telmar Mota é cheia de mistérios. No primeiro encontro, o entrevistador perguntou quantas pessoas ele matou de fato. O entrevistado sorriu. Sorriu um sorriso de mistério.

"Tem coisas que a gente não pode dizer... Eu matei um bocado de gente..., mas caboco safado e índio ladrão de gado, a gente conta?"

Olha, parente, uma vez apareceu um pastor querendo me converter... Ele veio com papo de Jesus Cristo..., essas coisas... Eu disse pra ele que se eu fosse depender de proteção divina, eu tava morto há muito tempo... Sou eu quem me protege... Deus não protegeu nem o filho dele... Ele não deixou Cristo ser crucificado?"

Aí o pastor veio com negócio de arrependimento, de salvação... Disse-lhe: 'Pastor, eu fiz muito mais por Deus do que o senhor com suas pregações... Pastor, quantas almas o senhor já mandou pra Deus?"

Ele não respondeu. E eu disse: 'Pois, fique sabendo que eu já mandei mais de dez almas pro céu'". (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 04 de janeiro de 2009).

O primeiro crime que levou Telmar a julgamento não é um caso simples. Isolado. Para entendê-lo, a pessoa tem que saber um pouco da recente história política do Estado de Roraima. E do Brasil.

Com a eleição e morte de Tancredo Neves, o vice, José Sarney, tomou posse. Falava-se em uma nova Constituição. Com ela, os Territórios Federais seriam elevados à categoria de Estado.

Dois partidos dominavam o cenário político brasileiro: PFL (Partido da Frente Liberal) e PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Apesar de ter posicionamentos opostos, as agremiações decidiram unir forças e criaram a Aliança Democrática. Na Aliança, em tese, os interesses seriam deixados de lado para buscar um objetivo maior: plena redemocratização.

Em Roraima, o PMDB, comandado pelo advogado Sílvio Sebastião de Castro Leite, amazonense nascido na cidadezinha Borba que montou pequena banca de advocacia em Boa Vista, e o PFL, capitaneado pelo economista Getúlio Cruz, roraimense que voltara à sua terra compondo equipe do governador nomeado Ottomar de Sousa Pinto, também aderiram à idéia de uma Aliança Democrática. Uniriam forças políticas em busca da nomeação de um governador civil – o primeiro desde a revolução de 1964 - para o Território.

Getúlio surgiu como nome de consenso. Uma vez nomeado, o governador colocaria a máquina administrativa para eleger Silvio Leite e Robério Araújo prefeito e vice-prefeito de Boa Vista. Depois, quando houvesse eleição para governador do futuro Estado, ambas as forças trabalhariam para eleger Getúlio Cruz.

Após muitas reuniões em Brasília, muitas manobras, muita pressão, Getúlio foi nomeado governador, que, com união de forças, conseguiu fazer Silvio e Robério prefeito e vice-prefeito de Boa Vista. Aos aliados sobriam fatias do bolo.

Luiz Rodrigues Barros, homem de passado misterioso, pecuarista e empresário, ante a promessa de assumir a Secretaria Municipal de Obras e de ter participação direta em decisões e medidas tomadas pelo futuro prefeito, investiu altas somas na campanha política. Telmar Mota, por simpatia e amizade com Silvio Leite, e mediante promessas de ajuda do futuro mandatário do Município na estruturação do recém criado Jóquei Clube de Boa Vista, também gastou muito dinheiro na campanha do advogado.

Eleito, Silvio Leite rompeu acordos, brigou com aqueles que o apoiaram e, pela má administração e truculência, conseguiu antipatia e rejeição de grande parte da população boavistense. A idéia de matar o prefeito surgiu em conversas frugais de homens comuns. Os políticos, empresários e criadores de cavalos que apostaram na eleição passaram a odiar o prefeito.

Em maio de 1987, o primeiro atentado. Atingido nas pernas, Silvio Leite escapou da morte. O pistoleiro, autor dos disparos, foi preso e todas as provas reunidas levavam a Luiz Rodrigues Barros como mandante e mentor da emboscada. Paulo Ubiracy, preso em flagrante, acusado, foi julgado e condenado a 21 anos de cadeia. Luiz Barros escapou. Apesar de fortes indícios, seu envolvimento no crime não foi comprovado.

“Luizinho era uma sujeito ímpar. Ele se apaixonava pelas pessoas. Quando considerava um amigo, ele ia às raias do bom senso para fazer esse amigo feliz. Se essa pessoa, no entanto, lhe fizesse alguma desfeita, por mais insignificante que fosse, Luiz era capaz de matar o mal-agradecido.

Em reuniões, o prefeito, apontando para Luis Rodrigues, alardeava: ‘Eu sou o prefeito, mas quem manda na Prefeitura é esse homem aqui’.

Luiz Rodrigues, um dia, pediu que Silvio Leite nomeasse sua filha mais velha para algum cargo municipal. ‘Qualquer cargo, prefeito. A menina casou-se agora, tá morando na

minha casa e eu quero que o casal ande com suas próprias pernas'. Sílvio negou. Alegou que Esmeralda não tinha capacidade nem experiência para um cargo administrativo, e colocá-la como copeira ou coisa parecida não faria nenhum sentido.

Pela desfeita, Luizinho, em conversa comigo, aventou a possibilidade de matar Sílvio Leite. Demovi-o da idéia.

Tempos depois, Luiz Rodrigues pediu que o prefeito arranjasse um emprego para Paulo Marques, seu genro, marido de Esmeralda. Sílvio usou o mesmo argumento e não atendeu o pedido. 'Agora, eu mato esse preto filho da puta', comentou comigo o Luiz.

Na época, o pistoleiro Paulo Ubiracy já tinha sido contratado para fazer a 'segurança' de Luis.

Convenci o empresário, mais uma vez, de que a morte do prefeito não valeria a pena.

Luiz sempre gostou de mim e me ouvia muito. Prometeu-me que os planos de assassinato estavam cancelados'. (Declarações feitas no dia 21 de maio de 2009 por um amigo e confidente de Luis Rodrigues Bastos. A fonte exigiu que a conversa não fosse gravada e que seu nome não seria citado neste trabalho).

No final da tarde de 20 de maio de 1987, enquanto fiscalizava obras de pavimentação na avenida Ataíde Teive, o prefeito de Boa Vista foi atingido por dois dos cinco tiros disparados por alguém que se encontrava em um fusca. As balas atingiram-lhe as pernas.

Socorrido, Sílvio Leite foi levado para a Clínica São Mateus e, em seguida, conduzido para tratamento em Manaus (AM). A polícia deteve Paulo Ubiracy na chácara de Luizinho. O fusca pertencia a Luiz Barros, as armas também. Paulo Ubiracy foi preso pelo atentado, e Luizinho como mandante.

"O Luiz não teve nenhuma participação naquela tentativa de assassinato. Ele pode até ter cedido o pistoleiro". (Declarações feitas no dia 21 de maio de 2009 por um amigo e confidente de Luis Rodrigues Bastos. A fonte exigiu que a conversa não fosse gravada e que seu nome não seria citado neste trabalho).

“SÍLVIO LEITE SOFRE ATENTADO DE MORTE; CINCO TIROS FORAM DISPARADOS

Prefeito se recupera em Manaus; estado é bom

(...) Submetido a exaustivos interrogatórios, na PM e na Secretaria de Segurança, Paulo limitou-se a dizer que havia atirado num homem parecido com o prefeito, sem saber que se tratava de Sílvio Leite, declaração considerada absurda pelas autoridades que julgam ter acusado o acusado (sic) premeditado o crime, uma vez que no interior de seu veículo, um fusca de placas HM-1627 foram encontrados três revólveres calibre 38, duas máscaras e grande quantidade de munição.

Ubiracy justificou o ato, correlacionando-o a um episódio envolvendo ele, uma mulher e um homem – não o conhece – na “Peixada do Bigode” quando o desconhecido tomou-lhe a companheira. “Por isso tentei matá-lo”, disse ele. “Mas não sabia que a vítima, agora, era o prefeito”, arremata.

Ubiracy está preso na Polícia Federal sob forte esquema de segurança. Enquanto isso, o prefeito encontra-se internado, sob rigorosa observação na clínica São Mateus em Manaus, para onde foi removido no final da noite de quarta-feira, por um avião Bandeirante da Base Aérea.

Preocupado com o episódio, o governador Getúlio Cruz enviou telex ao presidente

José Sarney, ao ministro da Justiça, Paulo Brossard e ao ministro do Interior, Joaquim Francisco Cavalcanti, comunicando o fato e pedindo que o caso seja colocado sob responsabilidade da Polícia Federal. (Jornal Folha de Boa Vista, 22 de maio de 1987)

Política de Perseguição

Os ânimos se acirravam. Ottomar de Sousa Pinto e Romero Jucá, ambos ex-governadores do Território de Roraima, também buscavam aumentar seus poderes entre o eleitorado local. Reuniões, acordos e planejamentos eram feitos paulatinamente.

Voltando do tratamento pelos ferimentos recebidos, Sílvio Leite partiu para retaliação e perseguições. Todos, aliados e oposição, se transformaram em suspeitos e o prefeito procurava uma forma de prejudicá-los. Luiz Rodrigues Barros, pelo relacionamento com Paulo Uiracy, transformou-se em seu objetivo maior.

O prefeito começou uma sessão de caça às bruxas. Embargou obras, proibiu concessão de licenças, cancelou alvarás existentes... Tudo para vingar-se dos traidores. Não satisfeito, disse que cancelaria o alvará de funcionamento do Jôquei Clube, ia demolir suas instalações e, em seu lugar, ergueria um conjunto habitacional.

“Parente, o homem tava doido. Luizinho também criava cavalos no Jôquei. Se o prefeito fizesse alguma coisa contra o clube, todo mundo ia ficar revoltado com uma atitude do prefeito. Um dia, eu disse pro segurança dele: ‘Olha, diz pro Sílvio que se ele mexer com o Jôquei Clube, tu vais ficar sem chefe’”. (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009)

“Luizinho comentou comigo: ‘Não tem jeito. Esse preto quer morrer mesmo’.

Um dia, Luiz convidou-me para passar o fim de semana na fazenda Galiléia, de sua propriedade. Lá, depois do almoço, saímos para um passeio a cavalo. Ao chegarmos num ponto ermo, sob uma árvore frondosa, ele apeou e disse: ‘Vou te mostrar uma coisa’. Do chão, ajuntou um pequeno pedaço de madeira e jogou-o sobre um enorme monturo alguns metros à nossa frente. Milhões de formigas de fogo saíram daquele lugar. Os cavalos deram pra trás. ‘Olha. Era ali que eu ia matar aquele preto. Meu plano era amarrá-lo de cabeça pra baixo e deixar o bicho esperneando e gritando até parar de respirar’, disse-me o fazendeiro” (Declarações feitas no dia 21 de maio de 2009 por um amigo e confidente de Luis Rodrigues Bastos. A fonte exigiu que a conversa não fosse gravada e que seu nome não seria citado neste trabalho).

“Na ânsia de perseguir e prejudicar o Luiz, Sílvio cassou o alvará do Jôquei Clube. Luizinho reformava sua casa na avenida Capitão Júlio Bezerra. Quando ouviu dizer que Sílvio planejava embargar a obra, disse-me: ‘Se esse preto fizer isso, ele é um homem morto’.

A obra foi embargada.

No final da tarde de 9 de outubro de 1987, uma sexta-feira, dirigi-me ao Parque de Exposições com minha esposa e meus filhos. Ao passar pelas barracas que vendiam comidas e bebidas, ouvi alguém gritar pelo meu nome. Era Luizinho:

- Preciso falar contigo!

Afastei-me de minha família, pulei uma cerca improvisada, aproximei-me de Luiz Barros que, sorrindo, me disse:

- De hoje não passa. Aquele preto tá abusando. Daqui a pouco, a notícia da morte dele vai correr a cidade. Vai pra casa, liga a televisão e espera.

O encontro e as revelações me assustaram” (Declarações feitas no dia 21 de maio de 2009 por um amigo e confidente de Luis Rodrigues Bastos. A fonte exigiu que a conversa não fosse gravada e que seu nome não seria citado neste trabalho).

Naquela noite, Luiz Rodrigues Barros, Telmar Mota de Oliveira e mais quatro homens, interceptaram o carro do prefeito na avenida Brigadeiro Eduardo Gomes e, em frente ao parque Anauá, dispararam dezenas de tiros contra o veículo, seu motorista, o prefeito e um segurança. Silvio Leite foi morto com 19 tiros; Adelino de Melo Martins, o motorista, e Epifânio Alves da Cunha, segurança, também foram atingidos.

“Em casa, recebi telefonema. Era Luiz:

- Eu não te disse? Olha, fica esperando que daqui a pouco eu vou mandar uma pessoa te pegar. Preciso falar contigo’.

Claro que eu me preocupei. Minha amizade com o pecuarista resumia-se ao social. Eu estava indo muito longe naquela vida de crimes. Avisei minha esposa que ia sair e pedi-lhe para anotar a placa do veículo que viesse me buscar.

Uma Chevrolet C-10 parou à minha porta. Eu não conhecia o motorista. Logo que entrei na picape, ele falou: ‘Tu viu? O Luiz tá muito satisfeito. Na televisão, eles contaram direitinho como tudo aconteceu’.

Rodamos muito pela cidade e, depois de algum tempo, fui deixado no portão de uma casa que até hoje eu não lembro onde era. Um homem que eu não conhecia puxou-me pelo, fez algumas perguntas e me fez entrar. Na casa, havia intenso movimento de pessoas. Fui conduzido ao quintal onde Luizinho recebeu-me com largo sorriso:

- Eu não te disse que esse preto filho da puta ia morrer... Rapaz, foi um escarcéu. O que tá feito tá feito... Agora é correr pra ajeitar as coisas...

E contou-me detalhes:

- De tarde, um segurança dele me informou pra onde o prefeito ia. Ficamos de tocaia ali perto da Praça dos Bambus. O Opala saiu cantando pneus; nós saímos atrás, e fechamos o carro com tiros. De lá, um cabra ainda acertou o Telmar. Eu matei aquele preto filho da puta.

‘Antes dos tiros de escopeta, ele ainda pediu, em nome de Nossa Senhora Aparecida, pra não morrer. Não teve conversa. Disparei os dois cartuchos e arrematei com um tiro de revólver na cabeça. (Declarações feitas no dia 21 de maio de 2009 por um amigo e confidente de Luis Rodrigues Bastos. A fonte exigiu que a conversa não fosse gravada e que seu nome não seria citado neste trabalho).

Circo

O Parque de Exposições ficava onde hoje estão o Tribunal Regional Eleitoral e a residência dos desembargadores. Por volta das 22h daquela noite de 9 de outubro, o serviço de alto falantes da Feira-Agropecuária anunciou a

morte de Silvio Leite. O público presente manifestou-se com vaias para o prefeito e aplausos para os assassinos. Em minutos, o crime era comentado em todos os lugares. Comentado e comemorado. A música “Caubói fora da lei”, de Raul Seixas, tomou conta da programação e foi executada diversas vezes no Parque de Exposições até o início da madrugada.

O povo se divertia. Enquanto a polícia procurava suspeitos, piadas surgiam em todos os lugares. Brincava-se com o fato de Silvio Leite ter um irmão gêmeo, brincava-se com o aleijão na perna do prefeito assassinado, brincava-se com o momento político.

Zigo (Zigomar Dantas Maia), economista, servidor público, e poeta e compositor bissexto de muita criatividade, escreveu letras inteligentes para duas paródias envolvendo a morte de Silvio Leite, a posse de Robério Araújo e o possível envolvimento do governador Getúlio Cruz na trama.

*Telmar e Silvio Leite (Zigo)
(Música “Eu te amo, meu Brasi” de Dom & Ravel)*

*Telmar matou o Silvio na virada
Fechou o bicho no Parque Anauá
Foi bala de todo calibre
E deve ficar livre em júri popular*

*Depois de mil mandatos, poucos fatos,
Boatos sobre o governador,
É a população quem diz
“Soltem o Telmar e prendam o juiz”*

*Bem feito.
Quem mandou prefeito
Sacanear com todo mundo
Sem ter consideração*

*Sem jeito,
Já virou presunto.
Mesmo defunto
Ainda causa confusão*

*Bem feito.
Quem mandou prefeito
Sacanear com todo mundo
Sem ter consideração*

*Sem jeito,
Já virou presunto.
Mesmo defunto
Ainda causa confusão*

*Robério Araújo (vice-prefeito), Telmar (assassino),
Silvio Leite (prefeito morto)*

*Há muito eu desejava governar
Levado pela minha simpatia
Mas tinha um ditador
Um tipo muito radical
Que me elegeu só por utopia*

*Mas vejam só vocês que tolo eu fui
Ficar nessa eleição vice-prefeito
Se fosse o titular pessoa de boa intenção
Só faria atos de respeito*

*Eu não queria esse fim
Pois, para mim, matar não é direito
Mas já que tudo aconteceu,
Eu só tenho a dizer:
Telmar é tão bom..., tão bom..., tão bom.
Telmar é tão bom..., tão bom..., tão bom.*

Marcado para morrer?

As histórias não batem. O jogo de empurra é grande. Relatos e depoimentos são conflitantes.

“No Parque de Exposições, barraca do Tabajara Pinho, tinha um bocado de gente tomando cerveja: o pecuarista Luizinho da Agropecuária, o advogado Wilmar Maciel, o comerciante Raimundinho da Bosch, os pecuaristas Danilo Rodrigues e Edmilson Melo...

Eram umas seis horas da tarde quando Luizinho me chamou e pediu minha Pampa emprestada. Pediu o carro dizendo que ia sair com uma mulher. Disse-lhe que emprestaria, mas pedi-lhe pra passar na minha casa, onde eu pegaria outro veículo.

No caminho, Luiz falou que precisava passar em sua residência. Paramos na casa do fazendeiro e, de lá, quatro homens subiram na Pampa. Seguindo instruções de Luizinho, nos dirigimos ali para a Praça do Horto. Ao estacionar o carro numa esquina sem movimento, perguntei-lhe o que nós estávamos fazendo ali. Vi que na carroceria um dos peões montava a escopeta; também notei que os outros homens checavam suas armas. Luizinho disse para eu esperar, pois, ‘logo, muita coisa ia acontecer’.

De uma casa, na rua transversal [avenida Santos Dumont], o carro do prefeito saiu cantando pneus. Luizinho mandou segui-lo de perto. Logo que o Opala dobrou à esquerda na avenida Brigadeiro Eduardo Gomes, ele mandou acelerar e fechar o veículo. Fechei o carro de Silvio Leite e comecei a ouvir o tiroteio. Desci da Pampa e senti que algumas balas vindas do automóvel do prefeito tinham me atingido.

Sílvio Leite, o motorista e o segurança estavam feridos e desacordados dentro do Opala. Como o peão que estava com a escopeta não atirava, tirei a arma da mão dele, apontei pra a cara do prefeito e disse: ‘Se é pra matar, vamos matar!’ Disparei. Vi os pedaços de carne subindo... Disparei de novo só pra arrematar”

Eu, fraco, perdendo muito sangue, caí no chão. Uma Kombi se aproximou pra recolher o pessoal. Quando Luizinho passou por mim, ouvi-o dizer: ‘Esse aí pode deixar... Deixa que ele já tá fudido’.

Arrastei-me até a Pampa, sentei-me com dificuldade e dirigi até o 6º BEC. Lá, falei com o sargento chefe da segurança e disse-lhe que estava ferido. Pedi-lhe que não ligasse para a polícia, pois eu tinha medo que os policiais me matassem. Dei-lhe os números de telefone de minha esposa e de meu irmão. Só acordei na clínica”. (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009).

“O prefeito tomou umas cervejas enquanto conversava com a moça que eu tinha ido

buscar para encontrá-lo. Era por volta das sete horas, quando ele disse que queria dar uma passada em sua residência.

O Adelino abriu o portão, checkou as ruas e o movimento, e entrou no carro. Logo que dobramos à esquerda, na Brigadeiro, ouvi uma explosão e senti que não conseguiria controlar o volante. Pensei que o pneu dianteiro tivesse estourado. O carro bateu na calçada e eu desmaiei” (Epifânio Alves da Cunha, segurança de Sílvio Leite, em depoimento à Polícia)

“Quando saímos da casa, na televisão ainda estava passando aquela novela de antes do Jornal Nacional. O prefeito queria dar uma passada em sua residência, mas disse que ia voltar. Abri o portão, dei uma conferida na rua e entrei no Opala. Na frente, iam o Adelino e o prefeito; eu ia no banco de trás.

Logo que dobramos na Brigadeiro Eduardo Gomes, ouvi uma explosão. O carro se desgovernou e subiu na calçada. Pensei que fosse um pneu estourado. Aí começou o festival de tiros. Peguei o 38 e disparei três vezes contra um sujeito que se aproximava pelo lado direito. Tenho certeza que acertei, pois o cara caiu. Uns quatro ou cinco homens atiravam contra a gente.

Adelino e o prefeito estavam feridos. Eu me fiz de morto. Quando os pistoleiros foram embora, eu me arrastei pelo chão e desapareci dentro do Parque Anauá. Fui pra casa e fiquei esperando notícias”. (Epifânio Alves da Cunha, motorista do prefeito, em depoimento à Polícia).

“Paulo Ubiraci estava preso. Aguardava julgamento pelo atentado de maio. O juiz José Machado de Oliveira, amigo e ex-sócio de Sílvio Leite num escritório de advocacia, presidia o processo. Wilmar Maciel, advogado contratado por Luizinho, queria um foto em que Sílvio e doutor Machado aparecessem juntos. Com ela, o juiz seria colocado sob suspeita e o julgamento de Paulo seria transferido para Brasília.

Eram umas 18h30, quando o Luizinho me falou para acompanhar Marambaia [segurança do prefeito], pois a hora de conseguir a foto era aquela. Marambaia assumiu o volante do carro. Paramos num terreno baldio, perto da casa do Sílvio e, lá, dois peões subiram na carroceria. Quando eu vi a escopeta na mão de um daqueles homens, perguntei pra que era aquela arma; Marambaia respondeu que era só pra dar um susto no prefeito.

Quando o carro do prefeito saiu de uma casa na Santos Dumont, Marambaia arrancou e, na Brigadeiro Eduardo Gomes, fechou o Opala. Começou o tiroteio. Desci do carro, fui atingido e caí. Enquanto isso, o pessoal fazia o estrago. Depois do último tiro, os meninos subiram no meu carro. Referindo-se a mim, alguém disse: ‘Esse pode ficar... Esse aí tá fudido’.

Pedi pro Marambaia não me abandonar. Eles me colocaram na Pampa. Não sei em que parte do caminho os outros desceram do carro. Marambaia me deixou em casa e foi embora sozinho’. (Telmar Mota em depoimento durante sessão do júri em Brasília).

“O Luís me contou que, naquela confusão, depois que ele deu os tiros que acabaram com o Sílvio, viu Telmar caído no chão e pensou que ele estivesse morto. Telmar pediu socorro. Ele, Luís, mandou que os peões recolhessem o ferido e o deixassem em casa com a esposa...” (Declarações feitas no dia 21 de maio de 2009 por um amigo e confidente de Luís Rodrigues Bastos. A fonte exigiu que a conversa não fosse gravada e que seu nome não seria citado neste trabalho).

“A Pampa entrou na garagem e dois homens que eu nunca tinha visto gritaram: ‘Vem rápido que o Telmar tá ferido!’ Depois disso, desapareceram na noite”. (Marta Harbert, companheira de Telmar em depoimento à Polícia)

O médico Célio Wanderlei foi chamado para atender o ferido. Ante a

gravidade do caso, determinou transferência para o hospital. Telmar desesperou-se: “Hospital não. Vai aparecer polícia e vão querer me matar”.

Na cidade, a notícia da morte do prefeito se espalhava. Rádio e televisão se

encarregaram de ajudar na divulgação. A placa do carro usada no crime tinha sido anotada por uma testemunha. No hospital, Telmar dizia que seu carro dera um cavalo de pau e, com isso, a arma tinha disparado, provocando-lhe os ferimentos. Não convencia. Da clínica, alguém ligou para a polícia e informou que Telmar, ferido a bala, estava lá. Logo, ali na Prontoclínica Boa Vista, foi dada voz de prisão ao primeiro suspeito pela morte do prefeito de Boa Vista.

Em depoimento, o acusado exigiu o direito de só falar perante um juiz. Enquanto isso, a polícia investigava e procurava outros suspeitos. Luiz Rodrigues Barros desapareceu. Em depoimento, seu filho informou que o pecuarista estava a negócios em alguma ilha do Caribe. Retratos falados foram expedidos, mas os outros cúmplices no crime nunca foram localizados.

O governador Getúlio Cruz e seu cunhado, vice-prefeito Robério Araújo, foram apontados como possíveis mandantes ou articuladores da trama. O jornalista Expedito Perônico afirma que mandados de prisão foram expedidos contra ambos. Diz ainda que o coronel Joélcio Silveira, na época, comandante do 6º Batalhão de Engenharia de Construção, muito amigo do governador, prestando-lhe solidariedade, “colocaria todo o batalhão em volta do Palácio para evitar a prisão”.

Suspeitos: posse, cassação, Licenciamento

Articulando demissões, contratações e planos de trabalho, o vice-prefeito Robério Araújo tomava providências para a posse. O vereador Amazonas Brasil, amigo do prefeito assassinado, e opositor ferrenho de Getúlio e Robério, movimentava-se para impedi-la.

No dia 13 de outubro de 1987, terça-feira, três dias depois da morte de Silvio Leite, o vice-prefeito assumiu a vaga. Horas depois, um Mandado de Segurança, impetrado pelo vereador Amazonas Brasil e acatado pelo juiz José

Machado de Oliveira, cassava o mandato de Robério Araújo. Advogados do agora prefeito recorreram ao Tribunal Regional Eleitoral – TRE do Estado do Amazonas e, na sexta-feira, 16, o desembargador Manuel Neusimar Pinheiro, despachou favoravelmente a Robério, argumentando que o vice-prefeito “reuniu condições legais para assumir o cargo que então vagou”.

Cinco dias após a morte de Silvio Leite, Getúlio Cruz licenciou-se do cargo “para dar mais transparência às investigações”. Ele dizia-se inocente das insinuações de ter participado, direta ou indiretamente, naquele crime.

Eleições no Território de Roraima sempre foram marcadas por ilegalidades: perseguições, uso das máquinas administrativas, corrupção, compra de votos... Derrotar Ottomar Pinto nas eleições de 1986 não seria tarefa fácil para Silvio Leite e Robério Araújo. Com todo respaldo e apoio do governador Getúlio Cruz. Conseguiram.

Logo após a posse de Sílvio Leite, em 1987, o grupo de Ottomar Pinto entrou denunciou ilegalidades durante a votação e entrou com ações na Justiça Eleitoral para destituir os eleitos. Pouco mais de dez meses como prefeito e Boa Vista, Robério Araújo teve mandato foi cassado em definitivo pelo Tribunal Superior Eleitoral.

“Era tempo de muita confusão. Para entornar o caldo, o pessoal do PMDB pressionou o presidente do partido, Ulisses Guimarães, e um processo por abuso de poder econômico durante as eleições movido contra Silvio Leite foi desengavetado. Tentaram cassar o meu mandato no dia da minha posse, mas em Manaus, um desembargador concedeu-me o direito de exercê-lo.

Em tempo recorde, o processo começou a andar em Brasília e, 10 meses depois, foi julgado e eu tive o meu mandato cassado.

O interessante disso tudo é que o processo era contra Sílvio Leite que, morto, não podia se defender. E eu fui cassado sem direito de falar nada.” (Robério Araújo, ex-prefeito de Boa Vista, em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 26 de maio de 2009).

José Maria Carneiro, radialista, 24 anos, político inexperiente, presidente da Câmara de Vereadores, conforme a lei, assumiu o cargo e, em 1º de janeiro de 1989, passou-o para Barac da Silva Bento, que derrotou Ottomar de Sousa Pinto em turbulentas eleições realizadas no ano anterior.

“Eu nunca imaginei que chegaria à Prefeitura. Eu só tinha 24 anos e exercia meu primeiro mandato como vereador. Eleito presidente da Câmara, por lei, eu tinha que assumir depois que o Robério foi cassado. O governador Klein me ajudou muito na Prefeitura. Depois da vitória de Barac Bento sobre Ottomar, eu passei o cargo para o ganhador no dia 1º de janeiro de 1989.” (José Maria Carneiro em entrevista a Aroldo Pinheiro no dia 25 de maio de 2009)

Reviravolta histórica e seus desdobramentos

Com a morte de Silvio Leite, os grupos políticos roraimenses se esfacelaram. Fracos, perderam a liderança que tinham anteriormente. Ottomar viu a chance de arrebatá-lo o poder e nele perpetuar-se.

Roraima estava acéfalo. O presidente José Sarney nomeou o general Roberto Pinheiro Klein para o cargo desocupado com o licenciamento de Getúlio Cruz. Por 11 meses, o Território teve um dos piores e mais corruptos governos até então.

Romero Jucá, muito próximo ao grupo da família Sarney, presidia a Funai. Em viagens administrativas, descobriu o Território e, nele, futuro Estado, sem lideranças políticas, viu a chance de dar passos maiores. Conseguiu. No dia 15 de setembro de 1988, o pernambucano Romero Jucá substituiu o general Roberto Klein e assumiu o Palácio 31 de Março (hoje Palácio Senador Hélio Campos).

Dois anos depois, em 1990, em campanha acirrada, Ottomar de Sousa Pinto derrotou Romero Jucá e, no dia 1º de janeiro de 1991, tomou posse como primeiro governador eleito do Estado de Roraima.

Pinto e Jucá, clãs legados por Telmar Mota

*“Bem feito, quem mandou prefeito/Sacanear
com
todo mundo/Sem ter consideração/Sem jeito
já
virou presunto/Mesmo defunto ainda causa
confusão” (Zigo)*

Sem saber, Telmar Mota de Oliveira contribuiu para importantes mudanças no tabuleiro da política roraimense. Getúlio Cruz não ocupou mais nenhum cargo de relevância no Legislativo ou Executivo do Estado de Roraima; com o discurso de que “só voltaria ao poder trazido pelo voto popular”, amargou pírias votações quando se candidatou. Os grupos, divididos, aliaram-se ao brigadeiro Ottomar de Sousa Pinto ou ao economista Romero Jucá.

Ottomar elegeu-se primeiro governador do Estado. Fez Neudo Campos seu sucessor. Foi eleito para a Prefeitura de Boa Vista e elegeu a esposa, Marluce Pinto, para o Senado da República. Uma filha do brigadeiro, Otília Pinto, elegeu-se prefeita de Rorainópolis; outra, Marília Pinto, conseguiu mandato na Assembléia Legislativa do Estado. Muitas candidaturas vitoriosas para cargos de deputados federais, deputados estaduais e vereadores foram apoiadas por Ottomar Pinto. No ano de 2006, tentando voltar ao Palácio Senador Hélio Campos, em tumultuadas eleições, o brigadeiro perdeu para Flamarion Portela. Com a cassação deste, reassumiu o governo em 10 de novembro de 2004 e reelegeu-se em 2006. O brigadeiro Ottomar de Souza Pinto morreu no dia 11 de dezembro de 2007, em pleno exercício do quarto mandato como governador de Roraima. José de Anchieta Júnior, seu vice, ocupou a vaga que lhe é de direito.

Derrotado nas eleições de 1990, Romero Jucá, como prêmio de consolação, conseguiu fazer sua esposa Teresa Sáenz Surita Jucá deputada federal. Depois, em eleições municipais conseguiu elegê-la por três mandatos para a Prefeitura de Boa Vista. Hoje, Teresa é secretária Nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades.

De volta a Brasília, Romero Jucá foi nomeado em [1992](#), diretor de Abastecimento da [CONAB](#) e secretário nacional de Habitação do Governo Federal. Em [1994](#), foi eleito, pela primeira vez, senador por Roraima. Em 2002, conseguiu reeleição. No ano de [2005](#), foi nomeado para a pasta da [Previdência Social](#), mas não resistiu às denúncias e ataques da imprensa. Em [2006](#), assumiu o cargo de vice-líder do governo no Senado e, hoje, é uma das figuras mais importantes no meio político brasileiro.

Telmar Mota: segundo assassinato

Ainda em 1987, Telmar foi transferido de Boa Vista para a carceragem da Polícia Federal em Brasília. Sua vida corria perigo e seu julgamento em Boa Vista seria coberto de suspeições. Muita gente tinha medo do que o assassino viesse a dizer. Alguns políticos o paparicavam. Ele conta:

“Em Brasília, eu recebi visita de muita gente. Parentes, amigos e políticos iam me ver de vez em quando. Um dia, fui conduzido à presença do ministro da Justiça. Ottomar Pinto já se encontrava no gabinete de Saulo Ramos. Lá, me tentaram me convencer a assinar um depoimento fajuto que acusava diversas pessoas de participação na trama da morte de Silvio Leite.

O ministro disse que se eu assinasse aquele documento, eu receberia uma pena insignificante e, logo, estaria em liberdade. Li o papel e me neguei assiná-lo. ‘Pois então, seu Telmar, o senhor vai passar uns 16 anos atrás das grades’” (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009)

O homem acusado de matar Silvio Leite, atentar contra a vida de Adelino e Epifânio, e responsável por grandes mudanças na história de Roraima foi condenado a 16 anos e 11 meses de prisão. Ironicamente, Paulo Ubiracy, aquele acusado de tentar matar o mesmo Silvio Leite, foi condenado a 21 anos.

Em Brasília, aconteceram alguns fatos estranhos.

“O auditório estava tomado por roraimenses: políticos e pessoas comuns. Luizinho estava lá. Ele pagou passagens e hospedagens para mais de 30 pessoas.

Estranhei alguns fatos. O promotor _____, pouco falou comigo. Das duas horas a que nós teríamos direito, ele me destinou 20 minutos.

A defesa tentou explorar a vida sexual de Silvio Leite e seus desmandos na Prefeitura. Surpreendi-me com a falta de objetividade do promotor. O cara só faltou pedir a absolvição do réu.

A votação foi apurada em clima de disputa de pênaltis em Copa do Mundo: 1X1; 2X1; 2X2; 3X2; 3X3; e, finalmente, 4X3. Vibramos. Ele foi condenado a 16 anos e 11 meses.

Depois do resultado, Viena, filha de Telmar, aproximou-se de mim, xingou-me com palavrões e cuspiu na minha cara. O condenado veio em meu socorro e pediu desculpas pelos atos da filha. Não era estranho? Telmar é assim: uma caixinha de surpresas. Depois que ele foi transferido para Boa Vista, nos tornamos amigos e muitas vezes intercedi na concessão de licenças para saídas do presídio.

Achei muita estranha a atitude do promotor fazendo corpo mole na busca pela condenação de Telmar; depois, fiquei sabendo que Luizinho havia presenteado a autoridade com um Fiat esporte zerado e alguns quilos de ouro”. (Alci da Rocha em entrevista a Aroldo Pinheiro no dia 20 de maio de 2009) .

“Olha, não tenho raiva de juiz, promotor, ou de nenhum jurado. Eles estão ali pra fazer o trabalho deles. Nenhum deles condena nem absolve ninguém; quem condena ou absolve são as testemunhas. Com boas testemunhas, ninguém é condenado” (Telmar Mota em entrevista a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009)

De volta a Boa Vista, novo assassinato

Depois de condenado, Telmar foi recambiado para cumprir pena na Penitenciária Agrícola de Boa Vista. Simpatia, carisma e fama de mau contribuíram para consolidar a liderança do condenado dentro do presídio. Logo, ele passou a ter respeito de seus pares e regalias proporcionadas pela direção do Sistema.

“Poucos dias depois de acomodado em minha cela, Bié, um presidiário amigo meu, disse que Luizinho tinha medo que eu abrisse o bico e estava planejando a minha morte.

Comecei a ficar cabreiro e analisar tudo o que se passava à minha volta. Soube que ele [Luizinho] tinha contratado dois cabras pra me matar. Durante o banho de sol, me aproximei dos dois e disse-lhes para desistirem, pois eu os almoçaria antes que eles me jantassem.

A situação incomodava e eu decidi dar um basta naquilo. Pedi uma audiência com a Promotoria e denunciei Luizinho como mandante de cúmplice na morte de Silvio Leite. Expediram uma ordem de prisão contra ele. Não ia dar certo nós dois presos no mesmo lugar.

Demorou alguns dias para Luizinho ser preso. No dia, _____, ele entrou na PA acompanhado por Fernando Pinto, ex-secretário de Segurança. Aquilo era estranho, pois Fernando entrou armado. Me disseram que o ex-secretário deixou uma pistola com Luis.

Uns dias antes, obtive autorização pra visitar meu pai que estava hospedado na casa do Augusto [Augusto Botelho, médico, filho de Silvio e Flora Botelho, primo de Telmar; hoje, senador da República]. Eu sabia que papai costumava guardar sua arma dentro da fronha do travesseiro. Inventei uma história, convenci o velho a sair do quarto por alguns minutos, me apoderei do 38, coloquei-o no cócs traseiro da calça e voltei para minha cela. Escondi o revólver bem escondidinho.

Logo depois da prisão de Luizinho, os detentos entraram em rebelião. Tocaram fogo em colchões e fizeram o maior furdunço na PA. O novo presídio, Monte Cristo, estava quase pronto e decidiram transferir todos os presos pra lá. Todo mundo foi levado em ônibus. Eu e Luizinho íramos depois.

Luiz foi transportado na picape dele. Fernando Pinto estava sempre junto. Eu sabia que o ex-secretário sempre carregava a pistola naquela bolsa a tiracolo.

Juntei minhas coisas, acomodei o revólver por dentro do cócs traseiro da calça, e embarquei na minha Pampa. Marta, minha esposa, dirigia o veículo e meu cunhado ia junto; na carroceria, dois policiais militares.

Quando descí do carro, na Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, vi Luizinho conversando com o Fernando Pinto e o Lampião, filho de criação de Luis. Euvi quando o Fernando cochichou no ouvido de Luizinho e entrou na penitenciária. Quando passei por ele [Fernando Pinto], ele disse: ‘Ei, Telmar! O Luizinho já tá aqui. Bom que agora vocês vão ficar juntos’. Respondi que meu assunto com Luis ia ser resolvido na Justiça, mas eu já sabia que era ele ou eu.

Entrei no bloco, analisei a cela e vi que tinha umas janelas muito baixas; dali, eu poderia ser morto facilmente. Voltei. Luizinho estava parado entre dois homens e eu não contei de graça. Atirei uma; depois duas; e depois que ele tava no chão, descarreguei o revólver. Entreguei a arma para os policiais e eles me conduziram para a minha cela.

Se eu não matasse Luizinho naquele momento, eu não tava aqui contando essa história” (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009)

Na 1ª. Vara de Execuções Criminais, o processo da morte de Luiz

Rodrigues Barros não foi localizado. Julgado pela morte de Luizinho da Agropecuária, Telmar foi absolvido, sob argumento de defesa putativa (matar para não morrer).

Telmar é acusado de matar a esposa

O Sistema penal brasileiro é muito interessante e cheio de firulas. Com algum dinheiro e bons advogados, você consegue tudo. Em _____, _____ anos depois da morte de Silvio Leite, Telmar conseguiu liberdade condicional.

“Parente, eu era rico. Tinha muitas cabeças de gado, fazendas, carros e alguns imóveis na cidade. Os advogados levaram tudo. (Telmar Mota de Oliveira em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009)

“Vivendo com Marta e meus meninos, eu corria atrás do prejuízo. Passávamos a maior parte do tempo em nossa casa de Pacaraima. Todo mundo me conhecia, todo mundo nos tratava bem. Policiais – federais, civis e militares – também eram meus amigos.

Depois de um tempo pra lá e pra cá, conheci uns venezuelanos que me propuseram negócio pra ganhar dinheiro fácil. Coisa ilegal. Tudo bem. Eu precisava recuperar tempo e dinheiro perdidos.

Na primeira transação, eu ganhei uma porrada de dinheiro. Na segunda, ganhei mais ainda. Me animei. O negócio era bom. Daí, na terceira vez, a transação era grande e meus sócios ficaram me devendo quase US\$ 400 mil. O acerto seria feito em Boa Vista.

No dia 12 de novembro de 1995, domingo, eu e Marta fomos ao Bonfim. Lá conversamos com os venezuelanos e o acerto ficou pra ser feito nos próximos dois dias. À noite, voltamos para Boa Vista e encontramos nossa casa trancada. Era época de Exposição-Feira Agropecuária e nos dirigimos ao Parque à procura de Rivelino, nosso filho. Não o encontramos e decidimos passar a noite no Motel Burithy's.

Minha esposa tomou banho e, enrolada numa toalha, deitou-se para descansar. Eu estava no banheiro, quando bateram na porta e perguntaram se eu estava no quarto. Marta destrancou a porta e queria ver quem era. Puxei-a para o banheiro e vi quando quatro homens entraram. Antes que eu fechasse a porta, eles dispararam três tiros. Dois acertaram minha esposa. Atingida, Marta caiu. Os invasores, jogaram o revólver no chão e desapareceram.

Saí do banheiro, apanhei o revólver e fugi. Ainda vi um Gol saindo em disparada.

Ao passar sobre o telhado de uma casa vizinha, as telhas se quebraram e eu caí num quarto onde dormiam três crianças. Apavorado, com medo que os homens voltassem, rendi uma das crianças. O dono da casa chamou a polícia. Negociei. Propus entregar-me com a presença de meu irmão e de um advogado. Quando Telmário chegou, larguei o garoto, entreguei a arma a um policial e fui algemado”. (Telmar Mota em entrevista a Aroldo Pinheiro no dia 4 de janeiro de 2009)

Indiciado como autor, julgado, Telmar, por ausência de provas, foi absolvido em mais um crime de morte. Ao falar sobre o assunto, ele parece emocionar-se, faz elogios à mulher e lamenta a morte dela.

Telmar mata mais um e deixa outro ferido

Na noite de 22 de março de 2002, Telmar Mota, foi preso em flagrante mais uma vez. Agora, ele era acusado de matar o desconhecido Antônio Geraldo da Silva e de ferir com três tiros o engenheiro Francisco Ribeiro Campos Júnior.

“Pra vingar a morte do Jorge, os irmãos, Paulo e Júnior Campos, se juntaram com Renato Buriti. Medina, assassino de Jorge, vivia bem perto da minha fazenda na região de Normandia.

Medina e Jorge montaram uma sociedade e foram as primeiras pessoas a mexer com tráfico de drogas em Boa Vista. Num acerto lá deles, o Jorge passou o Medina pra trás. Quando Medina foi reclamar, o Jorge, bem maior e mais forte, deu-lhe uns tapas. Medina foi em casa, armou-se com um trezoitão e matou o sócio.

Enquanto o processo corria, Medina desapareceu do Estado. Quando ele voltou, passou a viver com uma filha do Pedro Araújo. Os dois passavam muito tempo nesse lugar, bem pertinho da minha fazenda.

Naquela época, eu estava preso em Brasília. Paulo, Júnior e Renato usaram Petras, cunhado de Medina, na emboscada. Petras chamou Medina e disse que lá fora o pessoal em um carro com pneu furado precisava de socorro; que ele viesse e trouxesse uma chave de rodas. Quando Medina apareceu com a ferramenta, foi rendido, amarrado e levado para um barracão que tem na minha fazenda. Lá, antes de matá-lo, esses caras o torturaram muito. Até pregaram uns pedaços de tábuas em seus pés e mandaram que ele andasse com aqueles tamancos. Vendo aquelas atrocidades, Marta reuniu meus meninos e, com os peões, abandonou a fazenda.

Quando nos encontramos, Marta contou-me a presepada. Chamei Paulo e Nego Júnior e, conversando numa boa, disse-lhes do meu aborrecimento com o que eles fizeram dentro do meu terreno na frente da minha esposa, dos meus filhos e dos meus empregados. Eles negaram e, talvez com medo que nós testemunhássemos contra eles, passaram a me olhar atravessado.

Com a morte de Marta, que é prima deles, eles arranjam um pretexto mais forte para me apagar: vingança.

(Nesse momento, Telmar fala sobre a morte da companheira, chora e diz que Marta é o maior amor que teve na vida. E pergunta: Tu achas que eu seria capaz de matar uma mulher daquela? Marta era tudo que eu tinha... Quinhentos homens não valem aquela mulher). Uns amigos me informaram que Junior tinha contratado um pistoleiro para me matar. Uns carros estranhos rondavam a minha casa e me seguiam aonde quer que eu fosse. Eu já tinha manjado a cara do pistoleiro.

Uma noite, eu estava ali no Delirio's [antiga casa noturna de seresta no bairro São Vicente] e vi quando aquele cara se sentou e ficou me encarando. Dirigi-me a sua mesa e abri o verbo: ‘Olha, parente, sei que tu foi contratado pra me matar... Sai dessa, ou eu acabo contigo antes.’ Calado ele estava e calado ficou. Fui-me embora de lá.

No dia 22, fui pra a festa de Surumu. Lá eu vi o Junior Campos. Vi também o cara que estava me seguindo. Falei pra Marta da minha preocupação com a presença dos dois e tratei de ficar arisco. Resolvi mudar nossas redes do lugar onde estavam armadas. Nisso, ouvimos um barulho por trás do barracão e vimos esse tal de Geraldo.

Saí, dei uma volta, e fiquei prestando atenção no movimento. Me aproximei de um balcão, pedi e uma dose de uísque e, lá longe, vi o Júnior conversando com o pistoleiro. Logo depois, notei que o Júnior fazia sinal pro matador.

Quando o peão caminhava pro meu rumo, me adiantei, saquei a pistola e falei: ‘Eu tou sabendo que tu foi contratado pra me matar, seu filho da puta... Eu não te falei que eu ia acabar contigo antes?’ E larguei bala. Daí, fui pro rumo do Júnior e falei: ‘Eu sei que tu é o mandante’. E disparei três tiros. Em seguida, entreguei a arma pra um policial e me rendi’”. (Telmar Mota em entrevista concedida a Aroldo Pinheiro no dia 04 de janeiro de 2009).

“Eu só tinha medo de duas coisas: morrer e ser preso. Aprendi que para a morte não tem jeito; hoje, depois de 25 anos tirando cadeia, não tenho mais medo de nada”.

Telmar Mota de Oliveira

“Eu fiz mais pra Jesus do que qualquer um desses padres ou pastores. Até hoje, eu já mandei algumas almas pra ele; esses emissários de Deus, quantas enviaram?”

Telmar Mota de Oliveira

“Comprei um celular. Veja o número que me deram: 22 38. Não é muita coincidência?”

Telmar Mota de Oliveira

Bibliografia

AMARAL, Luiz, *A Objetividade jornalística*, Porto Alegre (RS), Sagra – DC Luzzatto, 1996

BARCELOS, Caco, *Rota 66*, Rio de Janeiro (RJ), Editora Globo, 2001

BARCELOS, Caco, *Abusado – o dono do morro Dona Marta*, São Paulo (SP), Record, 2003

BRAGA, Olavo V., *Momentos da história de Roraima*, Manaus (AM), Editora Silva, 2002

BUENO, Eduardo, *Brasil – Uma História*, 2ª. Edição, São Paulo (SP), Ática, 2003

CAPOTE, Truman, *A Sangue Frio (In Cold Blood)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1967

ERBOLATO, Mário L., *Técnicas de codificação em Jornalismo – Redação e captação no jornal diário*, São Paulo (SP), Editora Ática, 2003.

LAGE, Nilson, *Ideologia e técnica da notícia*, Petrópolis (RJ), Vozes, 1979.

MAGALHÃES, Dorval de, *Roraima – Informações históricas*, 3ª. Edição, Rio de Janeiro (RJ), Editora Graphos, 1987

MEDEIROS, Tarcízio Dinoá, *João Capistrano da Silva Mota – Genealogia da família Mota*, (pesquisa em desenvolvimento), 2....

NOBLAT, Ricardo, *A Arte de fazer um jornal diário*, São Paulo (SP), Contexto, 2002.

SILVA, Angela Maria Moreira, *Normas para Apresentação dos Trabalhos Técnico-Científicos da UFRR*, Boa Vista (RR), Editora UFRR, 2007

THOMPSON, John B, *A Mídia e a modernidade*, Petrópolis (RJ), Vozes, 1998.

WOLF, Mauro, *Teorias da Comunicação*, Lisboa, Portugal, Editora Presença, 1987.

Revistas

Folha de Boa Vista, *Boa Vista – 118 Anos em fatos e fotos*, Boa Vista, Roraima, Folha de Boa Vista, 2008

Jornais

Folha de Boa Vista, 22 de maio de 1987
Folha de Boa Vista, 11 de outubro de 1987
Folha de Boa Vista, 14 de outubro de 1987
Folha de Boa Vista, 28 de outubro de 1987
Folha de Boa Vista, 30 de dezembro de 1987
Folha de Boa Vista, ?? de agosto de 1990
Folha de Boa Vista, 17 de novembro de 1990
Folha de Boa Vista, 14 de novembro de 1995
Folha de Boa Vista, 15 de novembro de 1995
Folha de Boa Vista, 25 de março de 2002
Folha de Boa Vista, 26 de março de 2002
Folha de Boa Vista, 27 de março de 2002
Folha de Boa Vista, 28 de março de 2002
Brasil Norte, 25 de março de 2002
O Estado de Roraima, 30 de novembro de 1989
O Estado de Roraima, 28 de novembro de 1989
O Estado de Roraima, 29 de novembro de 1989
O Estado de Roraima, 30 de novembro de 1989
O Estado de Roraima, 1º de dezembro de 1989

Filmes

Miller, Bennet (diretor), *Capote (Capote)*, EUA, Sony Pictures, 2005
McGrath (diretor) *Confidencial (Infamous)*, EUA, Warner Independent Pictures, 2006

O que o leitor quer ler? O que a imprensa impressa deve fazer para seduzi-lo?

“É difícil apontar as qualidades que constituem o grande jornal” (Juarez Bahia)(p. 23)

“A necessidade de interpretar e explicar as notícias é manifesta. A vida se tornou tão complicada e variada nas múltiplas atividades que mesmo os especialistas se desorientam em seus próprios campos de conhecimento” (F. Fraser Bond)(p. 26)

Com o advento de satélites e, ultimamente, com a internet, o furo de reportagem tornou-se quase impossível. Hoje, as notícias são divulgadas *on line*. Chegam ao público segundos após terem acontecido. Muitas vezes, o desenrolar de fatos são mostrados ao vivo. Acontecimentos de “ontem à noite” podem ser considerados notícias velhas nas manchetes dos jornais da “manhã de hoje”.

Para atrair atenção do leitor, as reportagens têm que ser humanizadas. Humanizar consiste em fazer com que o público *sinta* o que aconteceu, ou seja, surge a necessidade de clareza e ilustração, daí a importância do Jornalismo informativo, interpretativo, opinativo e diversional.

Com o surgimento da radiodifusão no início da segunda década do século 20, foi criada nos Estados Unidos a primeira revista noticiosa semanal. O mote era informação, interpretação, opinião.

Nos anos 1940, surgiu a televisão. Novo concorrente para periódicos escritos. Citando Alberto Dines, no livro *O Papel do jornal*,

“A imagem do vídeo (TV) não provocou a revolução da informação. Ela obrigou o resto da veiculação a apressar-se para entrar em seu ritmo e satisfazer as novas necessidades que criou” (...) “Começava a era do Jornalismo interpretativo, analítico, avaliador. Ao mesmo tempo, tinha início a fase da melhoria visual dos jornais. Não apenas mais bem paginados, os jornais passaram a organizar o seu conteúdo, dando à informação aspecto mais profundo e mais permanente” (...) “Nesse momento, o lead clássico, contendo as seis questões primárias de Kipling (Quem? Que? Quando? Onde? Por que? Como?), avançou para buscar circunstâncias mais profundas como a dimensão, a remissão e a explicação dos fatos, já que a TV satisfazia as iniciais” (p. 27).

O rádio, a televisão, internet e todas as modernas facilidades de comunicação surgidas nos últimos tempos, fizeram que, agora, o momento recém acontecido fique ultrapassado. Não há no meio de impressão nada que possa competir com as moderníssimas e revolucionárias modalidades de divulgação. Para não perder a

atenção de seus públicos, jornais e revistas tiveram que modificar-se. Os editores se voltaram para o Jornalismo investigativo e passaram a valorizá-lo.

Dentro desse prisma o profissional de jornal ou revista deve procurar trazer ao leitor “o que provocou tal fato” e “que consequências o fato provocou ou pode provocar”, pois o público já teve acesso à notícia segundos após o acontecimento. Além de causas e efeitos, o leitor gosta de sentir-se presente. A descrição de um ambiente, detalhes de uma roupa, expressões físicas, comentários feitos por um curioso, essas pequenas coisas servem para aproximar, prender e tornar interessante a leitura de uma notícia.

Ao jornalista cabe informar. Ele até pode interpretar. Nunca, no entanto, deve opinar. Um texto opinativo pode ir de encontro à opinião do leitor e fazê-lo abandonar a leitura e evitar, no futuro, aquele periódico. As opiniões devem ficar para editoriais e artigos de fundo.

Ao falar sobre Telmar Mota de Oliveira, os crimes por ele cometidos, lendas e mitos que cercam a sua figura, procuramos o humanizar o texto e deixar que o leitor tire suas conclusões.

O Parque de Exposições ficava onde hoje estão o Tribunal _____ e a residência dos desembargadores. Por volta das 22h, o serviço de alto-falantes da Feira Agropecuária anunciou a morte de Sílvio Leite. Sem que as pessoas tivessem combinado, surgiram umas palmas fracas que evoluíram para fortes aplausos. Em segundos, a maioria das pessoas presentes à festa comemorava a morte de Sílvio Leite. A música “Não quero ser prefeito” de Raul Seixas tomou conta da programação e foi executada diversas vezes até o fim da noite.

Enquanto centenas de pessoas acorriam à casa de Sílvio Leite para o velório do prefeito, fazendo piadas e comentários irônicos sobre o acontecido, políticos se movimentavam. O PFL, capitaneado por Getúlio Cruz, agilizava a posse de Robério Araújo, seu cunhado, vice-prefeito. O grupo deixado por Sílvio Leite, encabeçado por Amazonas e Parimé Brasil, buscava uma maneira de impedir a posse do vice.

Domingo, dia _____ de _____ de _____, José Maria Carneiro, presidente da Câmara de Vereadores empossou Robério Araújo. No dia seguinte, o juiz José Machado, ex-sócio de Sílvio Leite em escritório da advocacia, acatava mandado de segurança impetrado por Amazonas Brasil desfazendo a posse tomada. Políticos contrários à cúpula do PMDB roraimense afirmam que o juiz José Machado de Oliveira ajudou na elaboração do mandado que ele mesmo julgou.

No dia 14, cinco dias após a morte de Sílvio Leite, Getúlio Cruz licenciou-se do governo do Território “para dar mais transparência às investigações”. Ele se dizia inocente quanto às insinuações de ter participado, direta ou indiretamente, no crime. José Sarney, presidente da República, nomeou Roberto Pinheiro Klein para substituir o governador licenciado e, por 11 meses, Roraima teve um dos piores e mais corruptos governos até então.

No dia 15 de setembro de 1988, Romero Jucá substituiu Klein e assumiu o Palácio 31 de Março (hoje Palácio Senador Hélio Campos). Jucá anteviu a possibilidade de criar um grupo político e estabeleceu-o no futuro estado brasileiro (Roraima passou a Estado no dia 5 de outubro de 1988 e a implantação de fato aconteceu a partir de 1º de janeiro de 1991, com a posse do primeiro governador eleito, Ottomar de Sousa Pinto). Sem saber, Telmar contribuiu para importantes mudanças no tabuleiro da política roraimense.

Getúlio Cruz não ocupou mais nenhum cargo no Legislativo ou Executivo do Estado. Com o discurso de que “voltaria trazido pelo voto popular”, amargou derrotas quando candidatou-se aos cargos de governador, prefeito, deputado e senador.

Circo - Mas o povo se divertia. Enquanto Telmar estava preso e a polícia procurava mandantes e outros participantes no assassinato, piadas surgiam em todos os lugares. Brincava-se com o fato de Sílvio Leite ter um irmão gêmeo (Sílvio Sebastião), brincava-se com o aleijão na perna esquerda do prefeito morto, brincava-se com o momento político.

Zigo (Zigomar Dantas Maia), economista, servidor público e poeta e compositor bissexto de muita criatividade, escreveu letras inteligentes para duas paródias envolvendo a morte de Sílvio Leite, a posse de Robério Araújo e o possível envolvimento do governador Getúlio Cruz na trama.

Paródia com Telmar e Sílvio Leite (Zigo)
(Música Eu te amo, meu Brasil de Dom & Ravel)

Telmar matou o Sílvio na virada
Fechou o bicho no Parque Anauá
Foi bala de todo calibre
E deve ficar livre em júri popular

Depois de mil mandatos, poucos fatos,
Boatos sobre o governador,
É a população quem diz
“Soltem o Telmar e prendam o juiz”

Bem feito.
Quem mandou prefeito
Sacanear com todo mundo
Sem ter consideração

Sem jeito,
Já virou presunto.
Mesmo defunto
Ainda causa confusão

Bem feito.
Quem mandou prefeito
Sacanear com todo mundo
Sem ter consideração

Sem jeito,
Já virou presunto.
Mesmo defunto
Ainda causa confusão

Paródia Robério Araújo (vice-prefeito), Telmar (assassino), Sílvio Leite (prefeito morto)

Há muito eu desejava governar
Levado pela minha simpatia

Mas tinha um ditador
Um tipo muito radical
Que me elegeu só por utopia

Mas vejam só vocês que tolo eu fui
Ficar nessa eleição vice-prefeito
Se fosse o titular pessoa de boa intenção
Só faria atos de respeito

Eu não queria esse fim
Pois, para mim, matar não é direito
Mas já que tudo aconteceu, Eu só tenho a dizer:
Telmar é tão bom..., tão bom..., tão bom.
Telmar é tão bom..., tão bom..., tão bom.

e-mail: zepinheiro1@ibest.com.br
Telefones: 3224-2334 e 9134-6017
69309-690 Boa Vista – Roraima

Boa Vista, 11 de maio de 2009

Exma. Sra. Juíza
Lana Leitão Martins
Presidente da 1ª Vara Criminal do Estado de Roraima
Boa Vista – Roraima

Senhora Juíza,

Para subsidiar meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal de Roraima, fui autorizado pesquisar processos criminais em que **Telmar Mota de Oliveira** figura como réu.

Dos quatro processos contra o cidadão **Telmar Mota de Oliveira**, conseguimos localizar três. Um processo – que tem como vítima o cidadão **Luiz Rodrigues Barros** – não está cadastrado no sistema. Solicito, assim, permissão para procurá-lo em seus arquivos, assumindo compromisso de ater-me exclusivamente a este processo e, neste documento, assumo inteira responsabilizando-me por qualquer ato que eu venha a praticar dentro desta 1ª. Vara Criminal.

Atenciosamente,

José Aroldo Pinheiro

a Deficiências no arquivo, Na 1ª. Vara Criminal constam quatro processos contra o cidadão Telmar. contra

ORNALISMO NAS AMERICAS

Blog de Notícias

O que define o plágio no jornalismo?

A revista Veja, na edição do dia 22 de abril, teria publicado matéria muito parecida com reportagem de quase um mês antes do Wall Street Journal, diz o Comunique-se.

Estrutura e trechos do texto são idênticos, acrescenta o portal.

Procurada pelo Comunique-se, a repórter da Veja, Gabriela Carelli, afasta a ocorrência de plágio. “A gente falou com os pesquisadores, a gente fez a nossa própria apuração. A notícia é a mesma, a pesquisa é a mesma. Podem ter ficado parecidas. Foram três meses fazendo a matéria, ouvi 50 mil fontes”, explica a jornalista.

Dentre os trechos semelhantes, afirma o Comunique-se, há uma declaração que, segundo a reportagem da Veja, seria da pesquisadora da Universidade da Pensilvânia, Pamela Sankar. A redação do Comunique-se conversou com Sankar. Segundo o portal, ela nega ter sido consultada pela revista brasileira.

Carelli reconhece não ter procurado a pesquisadora, mas justifica que tal procedimento é usual na publicação. “Fulano fala tal coisa, eu não estou dizendo que ele disse a mim. Quando fala para a gente, a gente coloca: ‘disse à Veja’. Às vezes a gente pode pegar, isso não é um plágio.”

De acordo com o Comunique-se, a revista ainda comete um erro. No jornal americano, a mesma declaração foi atribuída ao pesquisador da Universidade de Tilburg, na Holanda, Bert-Jaap Koops.

Para o diretor da Associação Brasileira da Propriedade Intelectual dos Jornalistas Profissionais (Apijor), Frederico Ghedini, também consultado pelo Comunique-se, é difícil determinar o que é ou não plágio no jornalismo. “Mas mesmo que você não classifique, dá para saber quando é feito com a intenção de enganar o leitor, de se fazer passar pelo que você não é. Agora, mesmo que não configure crime de direito autoral, é moralmente condenável utilizar qualquer citação sem informar a fonte”, diz o especialista.

E você, o que acha? Como caracterizar o plágio no jornalismo?